

# ENTRE PROSAS E VERSOS

ENTRE PROSAS E VERSOS

**MÁRIO TERRES E FABIO MALCORRA**  
GUAÍBA - MAIO DE 2021 - LUA CRESCENTE

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Malcorra, Fábio

Entre prosas e versos [livro eletrônico] : na  
prosa a amizade contígua nos versos o apreço em rimas  
pelo pago / Fábio Malcorra, Mário Terres. -- 1. ed.  
-- Guaíba, RS : Ed. do Autor, 2021.

PDF

ISBN 978 - 65-00-24148-8

1. Poesia brasileira I. Terres, Mário. II. Título.

21-67945

CDD

- B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB 1/3129

# Entre Prosas E Versos

*NA PROSA A AMIZADE CONTÍGUA  
NOS VERSOS O APREÇO EM RIMAS  
PELO PAGO*

Fábio Malcorra e Mário  
Terres

Guaíba, ano de 2021, prosa entre irmãos.

Patrocínio:   Realização:   

# Ficha Técnica

## ***Projeto***

Mário Terres e RGP Produções

## ***Prosas e Poemas***

Mário Terres e Fabio Malcorra

## ***Fotos***

Lucas Nunes

## ***Arte de Capa***

Ricardo Garcia

## ***Verso de Arremate***

Liliana Cardoso

Este projeto teve início em janeiro de 2021



*Nos termos da lei, nenhuma parte dessa obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, sem permissão da produtora e do autor.*

## ***Prefácio***

Leon Tolstói nos ensinou que:

***” - se queres ser universal cante a tua aldeia”***

E as aldeias o que são? Como nascem, como se constrói a aldeia, o rincão, o povoado? Bem provável que não sejam apenas porções de terras e um conjunto de edificações ruas e estradas. A aldeia, o rincão, o povoado se faz das histórias de seus habitantes, da memória de seu povo transmitida geração para geração. Isso que nos referencia e nos dizem quem somos e de onde viemos.

Dessa forma o poeta, o escritor, o pesquisador, o historiador, atilados perscrutadores da alma humana, buscam na melodia, na pesquisa e na incansável e interminável busca pelo mais sublime que há no humano, as histórias de sua gente, as vozes e as cores do seu povo. Cumpre dessa forma o fadário, quase sempre, solitário papel de desvelar aos olhos do hoje as vozes e as cores de tantos personagens passados e concedendo visibilidade aos anônimos e invisíveis.

Os autores Fábio Malcorra e Mário Terres nos apresentam um conjunto de prosa e poesia que vem nos contar a história, as estórias, e também cantar um tempo e uma visão de mundo tipicamente sulino onde causos e poesia comungam do mesmo espaço, causos e poesia dividem em harmonia a fumaça do galpão na comunhão terrunha de herança avoenga.

Alguns personagens parecem muito familiares ao contexto pampeano, a nossa história de potros, bois, índios boleadores e tropa pelos corredores do Rio Grande a Sorocaba:

***“Don Barulho sempre traz um pouco de luz aos pensamentos com fachos voltados ao passado, para que olhemos ao futuro lembrando com altivez, de onde viemos, e assim poderemos aclarar o para onde devemos e/ou podemos ir.”***

Nos traz lugares com clareza descritiva que nos remete a outros tempos e outros personagens porque os lugares são antes de mais nada um relicário de acontecimentos e a história se faz de acontecimentos homens e lugares:

***“As tropeadas, as atividades no Posto do Angico, as fazanhas percorrendo a serra do Caverá, as secas e as enchentes, com aquele homem velho aprendi tanta coisa que hoje me orgulha muito ter vivido no tempo dele e ele no meu.”***

Mas “Entre Prosas e Versos” também tem poesia e a poesia como nos afirma Carlos Felipe Moisés:

***“A poesia tem a função de inquietar, instigar, causar espanto, tem que conter algo que surpreenda algo que vá do singelo que encanta ao labiríntico que dá medo e ao mesmo tempo provoca. O literato não se atém a passar mensagens posto que seu papel social é de projetar um mundo novo a partir do real. A função da poesia é surpreender e encantar, e isso pode até distrair, mas é também inquietar, ou indisciplinar, a fim de nos tornar mais humanos, em lugar de apenas leitores distraídos, encantados e satisfeito.***

Se tem a poesia a função de inquietar de instigar, quem não se inquietaria com esses versos:

***Humanidade... palavra reticente  
Será somente povo, povaréu, gente  
ou ato incessante de bondade?***

Mas também busquemos na poesia o encantamento, aquele encantamento que não deixa que a realidade no sufoque que deixa sucumbirmos ante a crueza do mundo real.

***A lua espora prateada  
faz roseta das estrelas  
nessas madrugadas frias,  
se debruça nas alturas.***

Entre Prosas e Versos é bem assim como se quer, como necessitamos; inquieta por vezes, encanta por outras, simples como a gente do nosso pago, como o povo do nosso rincão. Tem cheiro de terra e de pasto, tem berro de gado porteira afora. É vida andando mansamente como tropa na estrada. O Rio Grande antigo visto e recontado por olhares mais jovens, mais críticos, mais atilados, mas ainda é o Velho Rio Grande de história invulgar, de história tão forte e tão dura que impressiona quando a ternura fala a beira do fogo do galpão.

O gaúcho dessas prosas desses versos que Fábio Malcorra e Mário Terres nos

presenteiam brotou desse Rio Grande Velho de cavalarias em cargas de escaramuças fronteiras de lida bruta pelos campos e corredores. Uma história que está registrada no intermédio entre a fumaça cinzenta do fogo de chão e a poeira vermelha levantada pelas tropas no corredor.

***Moisés Silveira de Menezes***  
***Poeta***

# ENTRE PROSAS E VERSOS

Como sabemos a vida é caminhada, rumo ao que cada indivíduo busca, mas o caminho, esse deve ser construído diuturnamente.

Nessa trajetória há tanto o que ver quanto o que caminhar, nessas idas e vindas acabamos encontrando gente das mais valiosas.

Esses encontros proporcionou o nascimento de uma irmandade e dessa irmandade, o nascimento de alguns trabalhos dos quais a poesia, a declamação, a música, o carinho pelas coisas do nosso pago é exaltado.

Quando nos conhecemos nem sabíamos do que o futuro nos regalaria, seguimos de longe, mas o laço do destino é bem mais forte que entendemos.

O tradicionalismo nos uniu pela poesia, o dia a dia nos uniu pela rádio e o Grande Arquiteto do Universo nos uniu pela força da irmandade e somos eternamente irmãos para trilhar os caminhos de Prosas e Versos.

Fábio Malcorra e Mário Terres são da mesma família, dos que veem no campo a essência de tudo aquilo que o mundo transborda.

São o subsídio ao lado da Dona Juliana e da Dona Elisa para Bernardo, Bento, Martina, Franciele, Tiago, Valentina e tantos quanto a vida entregar. Porque sabem o quão valioso é

a instituição chamada família e a transcendência que têm a responsabilidade de exercer.

As prosas nascem de forma madura e cadenciada, sobre as coisas que nos une e os temas que nos transbordam. São prosas ao pé do fogo, com a fumaça fumegando ao braseiro e a cambona preparando mais um mate. Resgate do que herdamos na projeção do que deixaremos.

Já os versos são aves despretensiosas voando em revoadas singelas, com a maturidade que o tempo traz no conteúdo que os ensinamentos semeiam.

Assim se faz prosa e verso para solidificar uma conexão de irmãos que deixam nos alfarrábios seus garranchos pra vida toda.

## DOS AUTORES

MARIO TERRES - Guaibense, industrial, professor e poeta. Capta Das coisas cotidianas do mundo, dos contos, das músicas e dos livros o gosto pela poesia desde muito jovem, quando escutava seus avós contarem as histórias de suas vidas e perdia-se embriagado na singela biblioteca de sua casa. Sua mãe sempre lhe apresentou livros interessantes e o fez apaixonar-se pela literatura. Compõe poemas sobre diversos temas e hoje adotou a poesia regional como sua favorita. Nesta obra transpõe em poesias seus sentimentos, sua cidade, personagens e fatos que pertencem ao seu rincão, ao nosso rincão para tocar e iluminar a alma de leitores.

FABIO MALCORRA – Rosariense da terra das areias brancas e da Serra do Caverá, Administrador de Empresas, Radialista, Declamador, Poeta. Traz de antanho a poesia, incentivado pelos pais, com as raízes de avós ligados ao campo, conhece das coisas desse rincão, pois ali gravou as imagens de tudo que os livros diziam.

Tem na Poesia Gaúcha um sentimento muito especial, pelo encontro com as imagens do campo, da vida, e de tudo aquilo que sempre vivenciou desde a sua infância, nela também

identifica a simplicidade e autenticidade do povo que tem amor a suas tradições e honra sua identidade.



*Duas almas irmãs*

## DEDICATÓRIAS

*Esse livro é o fruto maduro da amizade e da irmandade, esse trabalho feito com carinho e afinco dedico aos meus irmãos de versos, à todos aqueles que dão voz aos versos. Ao Fabio, Mateus, Rodrigão, Madruga, Dona Elisa, Gustavo Schipp, Caio Nunes, Lou e Théo Rodrigues, Felipe e João Pedro, Anderson (Mano), Salerno, Don Diogo, Maurício, enfim tantos que o próprio verso me proporcionou o encontro e que levam adiante a expressão poética em si pela arte declamatória.*

*Também dedico aos avós e seus netos, que assim como Don Barulho e Dona Judith, seguem passando legados e valores aos seus sucessores. Esse livro traz a prosa despreocupada de relatos para sorver ensimesmado e o verso para rimar com as almas irmãs, talvez não seja tão elaborado nem tão poético, mas é fruto daquela irmandade que traz a tona o campo, seus afazeres e toda a ciência que carrega o campeiro mais rude. Que nossas prosas e nossos versos possam de alguma maneira nos conduzir aos seus corações para que povoemos suas mentes com a luz do pago.*

*Em especial a Valentina minha neta, no sonho de que um dia minhas palavras sejam inspiração para os teus atos.*

Mário Terres

*Este e livro é dedicado a todos aqueles que buscam na poesia um fundamento para as coisas da vida. Os declamadores e poetas que conheci ao longo do tempo e me fizeram viver a poesia e todo o seu universo. Aos amigos, que entre momentos especiais de boa prosa, pararam o mundo para ouvir um poema em contraponto.*

*Esta obra é simples por relatar em prosa as lembranças mais cristalinas deste caminho, nesta junção de relatos e de poemas, esta irmandade se fortalece e ao fim se resume nos versos que vem do coração do poeta Mario Terres, alma iluminada e responsável por chegarmos até aqui.*

*Dedico ao professor Olmiro Bastos um amigo que semeou poesia por esta estrada.*

*Aos que contribuíram com seu gosto e com as imagens para que "Entre Prosas e Versos" possamos seguir passando, para nossos sucessores, a verdade da nossa cultura.*

*Fábio Malcorra*

## SUMÁRIO

AO PÉ DO FOGO – PROSAS .....	16
A NOSSA ARTE.....	17
QUANDO NASCE UM GAÚCHO? .....	21
DE SANTIAGO PARA SANTIAGO .....	26
A TRADIÇÃO DOS TERNOS DE REIS .....	31
A IGNORÂNCIA ADMIRÁVEL .....	36
POR ONDE ANDAM OS TROPEIROS? .....	43
AS TARDES DE MINHA INFÂNCIA.....	48
O PARADOXAL MUNDO DE DON BARULHO .....	52
GAUCHO – ETIMOLOGIA, .....	56
NA ABA DO MEU CHAPÉU.....	60
DAS COISAS DE NOSSA SENHORA .....	65
PASSADO E MEMÓRIA .....	70
DO CAMPO ÀS ESTRADAS, OS VERSOS .....	75
MEUS VALORES.....	76
RONDANDO SENTIMENTOS .....	79
DAS COISAS ESSENCIAIS.....	84
O POETA E OS LIVROS .....	85
DE TROPEIROS E ESTRADAS .....	90
SEMENTE DE VIDA .....	92
À DOM “BARULHO” .....	94
EXALTANDO ZÉ CLAUDIO - UM CAMPEIRO .....	96
À UM CAMPEIRO DE MOSTARDAS .....	98
CRIOULO JASMIM .....	100
DA GROTA .....	102
LEGUERO DEL ESTERO .....	104
A DON TELMO DE FREITAS .....	108
A LUZ DE UM NOVO MUNDO .....	111
UMA RISADA NO CÉU .....	114
POR ESSAS RAZÕES.....	118

## AO PÉ DO FOGO – PROSAS

Ao pé do fogo, gargalhamos as alegrias, sorvemos as penas, divisamos os mates e o pensamentos, o fogo é a chama primitiva ardente no pago que invade nossos corações e extravasa aos borbotões em verdades.

Ao pé do fogo um avô entrega ao neto a cuia com o apreço de quem está entregando a vida as mãos de seu sucessor.

Ao pé do fogo, nosso capataz atento vê surgirem as prosas que retratam tudo em que acreditamos.



*Duas almas irmãs*

## A NOSSA ARTE

***“Enquanto existirem poetas, declamadores e amadrinhadores nossa arte não vira tapera! “***

Desde muito pequeno vivo a poesia como um norte para a bússola da vida, um costume antigo dos homens e mulheres da minha família. Destes que sempre viveram intensamente as coisas deste nosso chão, no campo ou na cidade em festas ou reuniões importantes, sempre como uma direção de pensamento. Nos divertimos com ela, fazemos amigos com ela, consolidamos amores, curamos feridas, comemoramos conquistas, motivamos grupos e homenageamos almas queridas de qualquer plano. Isso para mim é a poesia, algo tão íntimo que quando escrita, habita a imaginação de quem a escreve, quando lida, ocupa as figuras e a produção de imagens da mente do leitor e quando interpretada, une o universo em um só momento fazendo com que todos se envolvam nesta atmosfera mágica e completa.

A poesia gaúcha é única pelas suas metáforas, pelas palavras que compõem o conjunto de ideias geralmente como representações regionais, locais e específicas de nosso estado. A poesia gaúcha está presente na nossa

música, na nossa dança, nos eventos e em tudo aquilo que se refere ao povo gaúcho, na verdade a poesia é uma forma de comunicação que atravessa os séculos.

Considerando todo este contexto, muitas vezes nos encontramos em momentos que precisamos observar alguém com um pouco mais de critério, um pouco mais de técnica. Essa é a difícil missão de avaliar a arte, de julgar aquilo que é íntimo, aquilo que é sentimento, aquilo que brota da alma. Saibam que jamais tive a pretensão ou até mesmo a ideia de que um dia estivesse atrás de uma mesa de avaliadores, avaliando o que os outros fazem com o coração, muito se aprende, muito se conhece das pessoas e ainda mais da arte de declamar. O declamador é o meio de transporte da mensagem do poeta, ele tem a missão de fazer com que os outros que assistem e que escutam, entendam o que o texto (poesia) quer dizer, mas claro que isso tudo se completa com um sentimento inigualável.

Existem os festivais, rodeios, encontros de arte e declamadores, que tem por objetivo principal fortalecer nossa cultura e este tipo de manifestação, porém estes possuem seus regulamentos, suas regras, suas particularidades.

Ao longo dos anos, desde que saí do meu longínquo rincão, contribuo para este movimento. Muitas vezes como participante e muitas vezes como avaliador, palavra de escrita simples mas muito complexa em seu real significado, carrego um respeito e uma admiração muito grande por quem escolhe a arte da declamação para se expressar e por isso aceito estar neste meio e em várias ocasiões assistindo os trabalhos para poder selecioná-los, compartilhando ideias com outros colegas e apreciando a entrega pura, natural e íntima de cada um.

A obra deixada pelos inúmeros e maravilhosos poetas que trilharam este caminho da poesia gaúcha é vasta e deve muito ser explorada, pesquisada e recolhida pelos declamadores, pelos jovens que se interessam na poesia. As disputas no palco dos eventos devem ser encaradas como uma consequência de um trabalho de pesquisa e entendimento de expressões e imagens poéticas, presentes nas obras e principalmente de sentimento verdadeiro, pois como disse, é muito complexo avaliar, dar nota para um sentimento. Também, muitas vezes lacrimejamos atrás da mesa com a caneta na mão, envolvidos pela beleza, pela pureza, pela simplicidade e principalmente pela verdade das interpretações e isso é o que

considero o principal, aquilo que é verdadeiro que vem do coração e salta pela garganta.

Nossa poesia nasceu nas tropeadas, nas rodas de mate, a beira do fogo de chão dos galpões, contando histórias de vida e lida, falando de amores, falando de realidades que hoje habitam todo o espaço urbano e rural da nossa pátria e por isso cada interpretação, cada manifestação deve ser respeitada e reconhecida.

Perpetuemos esta arte através do carinho que temos por ela, através das mensagens que ela nos trás e permitiremos que ela seja sempre exaltada nos mais variados palcos, desde os mais simples galpões até os mais requintados palácios, enquanto existirem poetas, declamadores e amadrinhadores este universo não vira tapera.

O título desta prosa é inspirado no lema do CTG Adaga Velha da nobre e majestosa Rosário do Sul, terra de gente guapa e de pura cepa criolla.

## QUANDO NASCE UM GAÚCHO?

Nasceu no Rio Grande do Sul já é um Gaúcho? Geograficamente sim, mas e o sentimento de realmente “ser gaúcho”? Esse jargão que consideramos um título, já nos remete ao questionamento. Será que Gaúcho é o indivíduo que anda pilchado no dia a dia? Aquele que na semana farroupilha se pilcha e vai para os eventos, desfilar de gaúcho (alguns de nós já disse ou pensou isso) mas no resto do ano anda “de magrinho” é Gaúcho também? E aqueles “loco véio” lá do interior que usam preferencialmente bombacha e trabalham a semana toda no lombo do cavalo, curando bicheira, castrando terneiro, buscando vaca no mato, levando o Rio Grande no peito, qual classificação pra eles? São todos Gaúchos? Segundo o pai do tradicionalismo, Paixão Cortes, são e somos todos gaúchos. Paixão nos legou a frase: “Gaúcho é um estado de espírito, não é um nascer, é um quere ser!” Aí já se lavou na explicação, mas mesmo assim ele difundiu outros vários ensinamentos, como sou de beber na fonte, tenho lido e relido muitos de seus livros pra ver se espanto a ignorância e adquire algum conhecimento, afinal nada melhor que aprender com quem idealizou o que chamamos de tradicionalismo. O que o mestre Paixão e os outros sete jovens do colégio Júlio

de Castilhos queriam era prestigiar nosso setor primário, os formadores da sociedade e da cultura do estado. Gaúcho é um apelido de um povo que nasceu em berço esplêndido e adquiriu afeições pelo campo e suas benesses. Existem historiadores com muitas teorias sobre a origem filológica da palavra, mas o que vale mesmo é o sentimento. Veja a inteligência e o carinho que o mestre coloca ao declarar que “O tradicionalismo é um estado de alma e de espírito. É uma forma de rever as coisas do passado na preocupação de retirar elementos fundamentais que possam ser utilizados para consolidar o indivíduo na sociedade atual”. Não devemos julgar, nem somos capazes de tal ato, devemos é amar o santo chão onde nascemos, ou naquilo que acreditamos, afinal conheço vários catarinenses que são muito gaúchos e baitas tradicionalistas, ou seja, não precisa só nascer no Rio Grande, pelo contrário, nem precisa nascer aqui, basta ter alma gaúcha e respeitar o que isso representa. O homem rural tem seu valor, assim como os da zona urbana, os que vão ao CTG ou que tomam chimarrão (ou chimas) na praça, todos tem sua participação no cenário tradicionalista, seja divulgando nossa infusão sagrada ou nossas músicas, escutando ou lendo uma poesia, falando das lendas, comendo um belo

churrasco ou um carreteiro de charque, coisas corriqueiras e cotidianas, mas que por tantas vezes, nem nos damos conta que faz parte de todo um contexto cultural, uma carga de usos, costumes e cultura de nosso povo e que está inserida no nosso dia a dia, ações que são simples e pitorescas mas legado de nossas raízes. Olhando para o movimento enquanto entidade que ordena e regulariza o contexto dessa carga tradicional, aquele gaúcho que se pilcha só na semana farroupilha, por vezes é até motivo de deboche, porque outros tantos que vivem socado em CTG ou no lombo do cavalo laçando, não são mais que o pessoal da semana farroupilha, aliás, são meio boca aberta se pensam e agem assim. O pessoal que vai na semana farroupilha, pela semana farroupilha, pode ser pealado pra ir pro teu CTG e fazer parceria nos eventos, ajudando a crescer o movimento. Pode ser que ele goste pra caramba de laçar, mas não sabe ainda. Sim, nem sabe porque nunca oportunizaram ele de conhecer a lida. Aquele esqueitista que tá de mate na mão, será que ele não curte a música regional, será que ele não vai no teu CTG? Tu já convidou? Perde o preconceito e te veste de humildade, o mundo mudou e a gente precisa cativar e não segregar, todos podem vir a gostar ou não, mas pelo menos tem que dar a

eles o direito de tentar. Tenho amigos que gostam do rock, que dançam pagode, que desfilam em escola de samba, que surfam, outros que não tomam mate e vão no CTG, laçam, dançam ou declamam.

Um movimento só é grande se as pessoas carregarem em si essa grandiosidade e o que os senhores do tradicionalismo sempre ensinaram era humildade e fraternidade, era união pra crescer forte. Nesse final de semana o cantor Gustavo Lima, em seu show no Planeta Atlântida subiu ao palco pilchado, sem convenções de certo ou errado, por favor senhores julgadores, larguem a caneta e vistam a humildade, o cara cantou, encantou e se pilchou, de quebra ainda beijou o pavilhão tricolor do gaúcho com carinho e respeito, ele foi obrigado a fazer isso? Tinha troféu pra melhor pilcha no palco do evento? Quem cantasse pilchado ganhava algum concurso? Não, e aí tem o valor, fez por respeito ao local onde estava, ao povo, fez de coração. Enquanto os regionalistas se pegam nos corredores para ser mais que os outros, os humildes em gestos simples e verdadeiros ganham o público e a notoriedade. Por essas e por outras que vejo nas crianças o subsídio para melhorar o futuro do tradicionalismo, da sociedade e do mundo, basta que ensinemos à

elas humildade, compreensão, gratidão e fraternidade. Opa peraí, mas quem tem que ensinar tem referência? É, há que se repensar...

## DE SANTIAGO PARA SANTIAGO

Muito me orgulho do nome Santiago, que herdei de meu avô materno, herança que através dos tempos nos faz cada vez mais entender de onde viemos, onde nossos antecessores viveram, semearam e hoje estamos aqui, cumprindo nossa missão de seguir adiante firmes.

Infelizmente não conheci esse meu avô materno, que se foi cedo. Segundo minha mãe, meu tio também por nome Santiago, carrega uma semelhança muito grande dele.

Quando pequeno pude acompanhar ele sempre na lida com cavalos, domando potros, preparando cavalos para as carreiras e principalmente tropeando, claro que nesta época eu apenas o via sair e chegar das tropeadas que me pareciam muitos e muitos meses, as vezes eram semanas, mas não chegavam a tanto quanto o meu pensamento ilustrava. Sua chegada era sempre festejada, me lembro do gosto da sobra de churrasco, que vinha na mala de garupa, também alguma sobra de charque já cansada das estradas e o poncho com cheiro de fumaça que eu ajudava a pendurar para secar. Aromas que ainda guardo no meu olfato e na memória, e alguma guampa tampada nos tentos que imaginava que fosse água pra matar a sede.

O tempo foi passando e ele sempre muito amigo do meu pai, também o acompanhava nas longas campereadas pelos campos alagados do Nacional (localidade entre Cacequi e Rosário), mas meu tocaio sempre me serviu de exemplo assim como meu pai e meus outros tios, mas o campo e o cavalo sempre nos mantiveram próximos. Cuidava dos meus petiços, desde a ferragem até o trato, me trazia algum regalo e não me largava nas braba nunca.

Carinhosamente chamado de “Santiaguinho”, outras vezes de “tropeirinho” pelos amigos parceiros e companheiros de estrada, engoliu muita distância, comeu muita poeira de corredor empurrando gado alheio e por ter perdido o pai muito cedo, sempre ajudava no sustento da casa. Um dia meu pai me ajustou de tropeiro com ele, pra minha infinita alegria, pegar estrada, para trazer uma tropa de gado gordo para um remate no Sindicato Rural da cidade, três dias de tropa, poncho e laço na garupa, me fui a lo largo, estrada afora com cavalo de tiro, sabendo mui pouco de tudo, um pouco menos da estrada, bem surpreso e sorridente na vaga ocupada.

Já no primeiro pouso, contando estrelas, tendo por cama os arreios e o poncho de coberta, com uma vida inteira para lembrar deste

momento que, para mim, ficou selado pois, talvez tivesse uns nove ou dez anos. “Um tropeiro” eu repetia de quando em vez, na estrada empurrando tropa.

Na frente o ponteiro, logo atrás o consumo e os cavalos de muda e mais atrás, a “Larga”, a “Morruda” a tropa propriamente dita, nos acompanhavam Tio Assis Giribone que da tropa era o fogão, seu Romário e suas lobunas de ponteiro, no fiador o velho ‘Mozo’ resmungando e ralhando com a cachorrada e na culatra eu e o meu tio, um Santiago ao lado de outro.

Que alegria tudo isso! Que momento que não se apaga!

Guardo a sete chaves estas imagens, mas faço questão de dividi-las com os amigos e aqui neste registro “Entre Prosas e Versos” entrego tudo com muito respeito e todo o carinho.

Bueno, encurtando este conto, já na última sesteada, churrasco, café de cambona e alguma vergamota apanhada nas taperas do corredor, o responsável pelo fogão divide a sobra de carne assada e ainda alguns pedaços que não foram assados, mais uma realização, me tocou um pedaço de cada coisa e meu tio abre mão da parte que lhe toca para que eu engordasse minha mala de garupa, e aí eu descubro que é daqui que vem aquela carne

com aroma de estrada que não tem nada igual neste mundo, sabem aquela que eu esperava meu tio chegar para recorrer a mala, aquele dia também levei um pedaço comigo.

Vida difícil a de um tropeiro, hoje quase rara esta presença nas estradas do nosso estado, a máquina abafou os gritos, a roda apagou as marcas dos cascos e a poeira fina sucumbiu a baba dos cansados tocados pelo arreador, meu Pai e meu Tio me proporcionaram viver isso, fazer parte disso, respirar esta atmosfera antes mesmo que ela reduzisse ou sumisse no silêncio, muito aprendi com isso, mesmo que para um guri de dez anos tudo seja festa.

Este meu tio, hoje é meu compadre, meu amigo, parceiro de mate, com sua linda família sempre austero e com a bagagem de um tropeiro, vaqueano das cruzadas, amante dos cavalos e das coisas do campo, eu sempre paro tudo para lhe escutar e ainda resgatar aquelas histórias que talvez eu ainda não conheça, de suas passagens pelos corredores largos e também pelo campo aberto dos caminhos.

- Meu avô: **Santiago Oliveira Giribone**

- Meu Tio: **Santiago Fernando Dineck Giribone**

- E eu: **Fabio Santiago Giribone Malcorra**



*Giribone Malcorra*

## **A TRADIÇÃO DOS TERNOS DE REIS**

### **UMA HERANÇA AÇORIANA EM FESTEJO AO NASCIMENTO DE JESUS**

Quem viveu próximos de um avô campeiro, ou uma avó de cabelos de algodão, fazedeira de doces e pães caseiros, ouviu pelo menos eles falarem nos três reis magos cantadores do divino. Não são exatamente Melchior, Baltazar e Gaspar com mirra, ouro e incenso, mas os representantes contemporâneos desses que carregam violão, viola, rabeca, gaita, tem ainda o bumbo, o pandeiro ou chocalho e as vozes femininas (ou não). São grupos que visitam as casas com sua alegria, sua música e seus versos, geralmente poesias de quadras (quatro versos rimados) pedindo licença ao dono da casa para serem recebidos e exaltarem o nascimento do Deus menino. A tradição dos Ternos de Reis espalhou-se no estado desde o século XVIII com a chegada de colonizadores açorianos que desembarcaram aqui para ajudarem a construir um estado forte e próspero. Durante muitos anos essa tradição ficou relegada ao pitoresco, aos recônditos ermos lugares do nosso Rio Grande de São Pedro do Sul. Em 1960 o grande mestre e um fervoroso apaixonado pelas nossas tradições, J. C. Paixão Côrtes lançou um livro falando

especificamente desse tema, Terno de Reis – Cantigas de Natal, resultado de suas pesquisas em incursões pelo interior do estado, esses interiores remotos e de difícil acesso nos dias de hoje, imagina na década de 50 e 60. Existe também o registro da famosa gravadora gaúcha “A Casa Electrica” de Severio Leonetti que em 1914 gravou um disco com temas relacionados aos ternos, os temas eram: Reis Camponeses e A Chegada dos Reis. Essa ação fez com que os temas virassem sucesso entre as famílias que possuíam gramofones à época, mesmo alguns não conhecendo a tradição dos Ternos de Reis. Os grupos (que se chamam ternos) são compostos geralmente por mestre, contramestre e seus ajudantes. O mestre geralmente entoava o canto principal e o contramestre responde no contracanto com o mesmo verso ou respondendo ao verso do mestre, seus ajudantes (os do contramestre) cantam sempre em segunda voz, formando um lindo e emocionante coral. Para que o terno se estabeleça enquanto cântico, existem algumas praxes sobre a forma de conduzir o terno, existem versos de anunciação, em seguida os versos com pedido de licença para adentrar ao terreiro e em seguida as casa, vem depois a louvação, o agradecimento e por fim, a despedida. Vejam ou tentem vislumbrar

quantas coisas boas estão intrínsecas nesse compêndio. Primeiro a humildade de emprestar seu talento musical, seja com algum instrumento ou com a voz para formar um grupo que, de forma itinerante e gratuita, seguem jornada de casa em casa anunciando a chegada de Jesus. A simplicidade do homem do campo que em época de “reis” se regozija em receber as pessoas com sorriso, comida e compartilha de uma forma simplista a alegria e harmonia do seu lar, confraternizando sem luxo nem riquezas, a educação de solicitar acesso, de poder compartilhar aquele momento com aquela família. A união fraterna e afetiva na música, nos cânticos e na adoração ao renascimento que simboliza cada natal e cada ano novo, compartilhado entre pessoas que por vezes, nem se conhecem, mas que abrem o coração a receber luz em sua alma. Ao despedir-se o terno leva consigo o sorriso e a certeza que congregou de um momento ímpar e singular, as famílias ficam com a certeza que o Deus Menino se refez em cada coração, que a alegria e a felicidade não estão empacotadas pra presente, mas anunciadas de forma lúdica em cada canto e em cada gesto. Por fim e talvez, mais importante, a união fraternal e respeitosa feita em um enlace familiar único e majestoso, onde a família que acolhe o terno,

torna-se a família do terno, os reis trazem a sua simplicidade e a depositam no coração daquela família, todos compreendem que compartilhar e confraternizar traz ao mundo um momento de ternura e afeto onde os diferentes, tornam-se iguais e o espírito principal do natal que é o respeito e o bem viver se faz completo. Por isso quando escuto um terno de reis se anunciando, recordo meu avô, recordo o Fernando do Gringo na gaita, todos se preparando no portão do rancho visitado e ao roncar a gaita velha, os cantadores entoavam os versos:

“Agora mesmo cheguemo, na beira do seu terrero Para tocá e cantá, licença peço premero...

Meu senhor dono da casa, se escutar me ouvireis Que dos lados do Oriente são chegados os Três Reis”

Paixão Cortes já dizia em seu livreto publicado em 2000 “Tirando Reses” que o movimento tradicionalista não pode ficar alheio às FESTAS DE NATAL DO RIO GRANDE DO SUL, se não quiser fugir a uma de suas principais finalidades, a de preservação do culto de uma das mais puras tradições rurais: O PRESÉPIO E AS FESTAS DE REIS. Minha irmã Denise Santos e sua equipe cultural, lá do CTG Gomes Jardim, fizeram sua parte com muita propriedade, com maestria e o mais brilhante

de tudo, com muito amor. Transbordando entre os que se atreveram a ir prestigiar tanto afeto que o choro tomou conta da sala ao verem os Reis Magos em forma de gente simples cantando ao menino Jesus, ao ver o presépio vivo e a menina em forma de anjo abrilhantando o salão do CTG. A questão que me intriga é: O movimento tradicionalista, tem se preocupado com isso? Só pra fazermos o acordo final, lembrem que Noel é lenda pra vender quinquilharias, presentes materiais não encham o coração, mas um gesto de bondade, de ternura e de afeto, pode marcar pra vida toda. Obrigado dois mil e dezenove por todos os aprendizados, me despeço rumo a dois mil e vinte como meu avô me ensinou:

“Senhora dona da casa, agradeço a gentileza Santos Reis que abençoem a sua sagrada mesa. Pela oferta que nos deu, ficamos agradecidos, na mesma hora que deu, lá no céu foi recebido. Eu agradeço o vinho, que vós nos ofertastes eis o sangue do divino que Jesus abençoou.

Vamos dar a despedida, como deu Cristo em Belém

Esse terno se despede, até o ano que vem”



*Da nossa tradição*

## A IGNORÂNCIA ADMIRÁVEL

Nas ânsias consumidas e distâncias percorridas, as lições de quem já carregava a melena tordilha e um punhado de rugas na face...

Citando Silvio Genro – Poeta Gaúcho: “Tem certas coisas na vida que deveriam ficar, do jeito que sempre foram...”

Acho que ele não lembrava, que o tempo é senhor de tudo no universo, vai derramando a areia da ampulheta e soterrando algumas lembranças remotas, apagando memórias, histórias e construindo novos rumos.

Por ter muito de um avô campeiro e barreiro em mim, vou rebuscar algumas passagens, entre fatos e ficção, em que avô e neto se deparam com questionamentos intrínsecos a curiosidades joviais de quem tenta descobrir o mundo em que habita, com ilustrações sob a ótica do rude campeiro.

Abram as mentes para o pitoresco e viagem comigo...

“Vínhamos lá do Passo do Petim, desde o rancho do fundo, o avô Don Barulho, bem montado num crioulo zaino negro, chapéu tapeado com a aba da frente cortando o vento, lenço aberto a moda argentina, bombachas de favo, botas de couro firme, com um trinta no coldre e a carneadeira na traseira da guaiaca

bordada. Esporas de papagaio comprido e rosetas grandes, mais pra se exhibir que pra tocar o pingo. O zaino, aliás, tinha ancas largas, cabeça quieta e orelhas tesas, basto Paysandu, cabeçada com trança de oito e adornos de prata, as rédeas com de doze e sobre o basto, dois pelegos grandes pra acomodar a carcaça. O velho, prevenido, mesmo que fosse ali na cidade, trazia o laço sempre a bate cola. Já eu era um piá taludo, montado numa eguinha tobiana também crioula mas de menor estatura, aperos simples (de couro sem prataria), mas bem caprichadas. Seguia de alpargatas e sem esporas, um manguito de látigo comprido e cabo trançado pelo negro Adão, guasqueiro de marca maior. Um sombrerito de palha, feito pela avó e um lenço a meia espalda.

Na passagem do passo o guri mira ao longe algum tipo de fruto pendurado em penças, chama o velho e pergunta: Vô que fruta é aquela?

Banana do mato (responde o velho), tua vó usa pra fazer xarope pra tosse. Respondia assim sempre, certo como punhalada de carneador. E seguiu-se a jornada calma e tranquila até o próximo ponto de curiosidade, afinal quanto tem de experiência um avô em relação ao neto, para lhe ensinar as coisas do mundo. É a famosa “escola da vida”.

Alguns mais modernos, diziam que meu avô era ignorante, nem o nome assinava direito, nem ler sabia. Aquilo me fazia tremer os ossos, mas eu respondia sempre que o conhecimento dele não estava em livros, mas nas rugas da sua face e nas histórias da sua mente. Até porque pra mim, até hoje, meu avô era um sábio.

Seguíamos por um campo na beira da estrada grande e mais perguntas: Que mato é esse? E aquelas vacas que raça são? O que é aquele monte de terra no topo daquele mourão?

Rédeas numa das mãos, picando fumo e preparando um pito com a outra, seguia o velho, paciente e tranquilo para responder cada uma das perguntas do curioso neto. Eu gravava cada meneio, cada palavra, cada ordenança o pingo nas páginas da minha memória, como se escrevesse um livro.

Algumas coisas me calaram fundo, me fazendo mudar a perspectiva das minhas convicções e jogá-las fora, buscando esclarecimento.

Cruzamos a capela da vila e perguntei pra ele se ali era a casa de Deus, ele me olhou e disse que era. Passamos na frente do barraco do Filomeno, que tinha um terreiro de Umbanda e perguntei se ali era a casa de Deus, outra vez o avô me diz que sim. Me intrigou a resposta, num ato de testar o velho me fiz de

desentendido e ao passar na frente da igreja dos “crente” (uma igreja Evangélica) perguntei: Vô e aquela igreja ali é a casa de quem? Rapidamente, sem nem me olhar respondeu: Casa de Deus.

Como todo o guri, achava que era mais esperto que o velho. Ledo engano, o velho parou o cavalo, me fez parar e lascou de vereda: “olhe ao redor meu neto, me descreva o que vê.”

Eu olhei e descrevi tudo e exatamente tudo o que via, desde as moscas na cola da égua, até a ponta do morro que ficou pra trás.

Ele veio com a punhalada: “Quem tu crês construiu tudo o que me falasse?”

Respondi de supetão: “Deus!”

“Então tudo é de Deus, assim como Ele não mora em uma só casa, Ele está em todas as casas. Deus é mais que uma igreja, mas também é a igreja!”

Notei aí o quão ignorante eu era, ao invés de aprender, ficava testando o velho e sem mencionar um palavrão ou um insulto me fez sentir um ignorante.

Até hoje me sinto esse ignorante. Ignorante porque há tanto a saber, pela sede de saber, que busco entendimento de todas as coisas que me intrigam.

Depois da resposta fui calado até a cidade, meu avô também pitando seu palheiro,

cumprimentando todos os transeuntes, sem distinção, seguia teso.

Na volta eu calcei as botas da humildade e pedi-lhe desculpas pelas perguntas idiotas. Mais uma vez aprendi com o velho, ele me disse que não devia pedir desculpas, pois não há pergunta idiota, idiota pode se tornar aquele que não pergunta. Toma.

A noite na beira do fogo, tudo aquilo me perseguia o pensamento e me veio mais uma crise indagatória. Como pedindo “truco”, questionei-o porque todos chamavam de chimarrão a infusão de erva-mate e ele chamava de mate? Ele me veio com um “retruco” de mão cheia. Sabe quem nos presenteou com o mate?

Respondi que não. E pra ser mais pretencioso, disse que nem o chimarrão.

Mantendo a serenidade ele me disse que mate era a bebida da erva mate, os Guaranis, primitivos habitantes dessa terra, chamavam de caá-i (água de erva saborosa), faziam essa infusão e colocavam em cabaças, alguns sugavam com uma espécie de bomba chamada de tacuapi, outros bebiam sem a bomba. Os padres jesuítas tentaram barrar o uso do mate, chamando-o de “erva-do-diabo”, mas não conseguiram. Descobriram que a

erva-mate era estimulante e digestiva e acabaram usando em suas refeições.

Chimarrão é coisa dos espanhóis que não entendiam nem respeitavam os Guaranis, a palavra de origem é cimarrón que significa xucro, bruto, bárbaro. Como a bebida era dos primitivos associaram o termo a bebida e de lá pra cá os portugueses adquiriram a palavra como correta, quem sou eu pra corrigi-los. Mas eu meu neto, sigo mateando e sorvendo o mate, nunca chimarrão.

E segui calado na minha ignorância astuta...

## **POR ONDE ANDAM OS TROPEIROS?**

Seu Osvaldo (nominado assim de nascimento), tinha o pseudônimo de “Barulho”, e por esse apelido era conhecido de todos em seu círculo social, não por acaso era meu avô. Barulho porque o seu pai era seu João Barulho e, por conseguinte cresceu Osvaldo Barulho e realmente eles gostavam de fazer muito barulho, festeiros, campeiros, boas praças, eram assim. Bueno, vamos sem delongas, porque quem lê a coluna já conhece alguns pormenores da história e não podemos ser redundantes. Ele é meu parceiro imaginário para contar as coisas que permeiam nossa história, nossa cultura, costumes, enfim, nossa vida.

Adentremos os portais dessa campereada lúdica e vamos juntos, tu, Don Barulho e eu nessa eloquente viagem montado no pingo do imaginário.

Alça a perna, tapeia o sombreiro e cutuca esporas...

## **SE BAMO DE TIRO...**

“Don Barulho sempre traz um pouco de luz aos pensamentos com fochos voltados ao passado, para que olhemos ao futuro lembrando com

altivez, de onde viemos, e assim poderemos  
aclarar o para onde devemos  
e/ou podemos ir.

Lembrava ele que séculos passados, luzidos  
de XIX e adentrando o XX, os tropeiros eram  
tão importantes quanto os cientistas. Nossa  
que comparação tosca, pensava eu, com tal  
afirmativa incômoda em minha mente.

Os cientistas descobriam coisas das ciências,  
os tropeiros descobriam coisas que nem os  
cientistas e suas ciências descobriam, afirmava  
ele. Os tropeiros designavam o melhor gado, a  
melhor aguada, melhor paragem, melhor  
caminho melhor para tropear, aliás, vamos  
respirar e seguir passo a passo pra ninguém se  
perder na poeira.

Os tropeiros eram os homens de a cavalo.  
Eram quase como seres mitológicos, os  
centauros dos pampas, com suas vozes de  
comando, seus relhadores de estalo, suas  
boleadoras, seus mangos de puro látigo,  
conduzindo tropas de gado, dessas de se  
perder vista, rumo aos matadouros, aos barcos  
de transporte, as fazendas de muda e  
estâncias de cria. O destino não importava  
profundamente, o cumprimento do dever sim,  
transportar tropas sem perder uma rês sequer  
era o que eles tinham em suas mentes.

Guaíba ainda nem era sesmaria (posteriormente pertenceria a Antônio Ferreira Leitão) e as tropas já lhe cortavam a geografia rumo aos destinos donde o metal valioso enchesse a guaiaca dos tropeiros e esses, após retirarem seu lucro, repassavam aos produtores.

Era tempo em que no Sul havia grande concentração de “gado alçado” ou selvagem, que por serem chimarrão (cimarrón) podiam ser capturados e incorporados as tropas, rendendo mais lucro aos tropeiros.

Há indícios que as atividades tropeiras iniciaram no século XVII e se estenderam até o século XX. Esses homens de a cavalo, cortavam o país com suas comitivas, levando tropas onde o lucro fosse mais atrativo, as vezes saiam do extremo sul e pegavam ruma a Estrada Real pelos campos de Viamão, subindo até Sorocaba, grande centro comercial de gado.

Os tropeiros tinham, no princípio, estreita relação comercial com os índios pampeanos (Charruas e Minuanos principalmente) que arrebanhavam o gado, estes sofriam seguidamente roubo pelos chamados “gaudérios”, homens sem pátria, sem lei e sem família. Vestiam-se como os Charruas, com botas de garrão de potro, chiripá e poncho.

Assaltavam estâncias missioneiras e também roubavam o gado da Vacaria do Mar. Eram conhecidos na Vacaria do Mar como chansadores (contrabandistas). Por isso nem todo mundo do meio rural ou do tradicionalismo, gosta de ser chamado de “Gaudério”, pela conotação antiga.

Figura ilustre e importante para o início das longas tropeadas foi Cristóvão Pereira que estabeleceu o caminho das tropas e currais, ao longo do litoral. Em Torres e ao norte do canal de Rio Grande, foram montados postos de cobrança de pedágio do gado, retirado da Vacaria do Mar. Esses postos de pedágio, na época, eram chamados de registros. Essa rota dos tropeiros pelo litoral era muito acidentada, e eles tinham de atravessar muitos rios. Em 1727, foi descoberto outro caminho: era a estrada de Morro dos Conventos, de onde as tropas atingiam facilmente Lages, Curitiba e Sorocaba.

Os tropeiros que faziam as longas viagens, geralmente tinham a seu serviço muares, mulas, animais mais fortes e que além de carregarem grandes bruacas com mantimentos e itens de necessidades básicas, serviam muitas vezes de montaria, dependendo do terreno onde a viagem seria realizada, pois se adaptavam bem a terrenos mais rústicos.

Façamos um exercício de ilustração que, naquele tempo não haviam estradas, poucas vilas e cidades, então as dificuldades enfrentadas eram enormes e imensuráveis.

Pelas rotas das tropas iam recados, sonhos, notícias, miscigenação cultural, bens e tantas outras coisas que cidades nasceram dessas tropeadas.

Os tropeiros abasteciam as cidades, as tropas de gado serviam de comida, o couro vestuário, as partes menos nobres poderiam transformarem-se em adornos, adubo e tantas outras coisas que se dizia dos tropeiros, semeadores do desenvolvimento.

E Don Barulho segue um tropeiro da memória, um semeador de cultura.

## AS TARDES DE MINHA INFÂNCIA

Lendo um pouco das prosas de Don Barulho, me remeto a um passado muito vivo em minha retina e muito presente ainda nos meus dias. Quando guri me foi atribuída algumas responsabilidades, muito simples mas que para mim eram tão importantes que faziam parte da minha rotina.

Meu pai criara uma espécie de agenda onde semanalmente eu deveria visitar meu avô (além de outras atividades que tinha), ele nesta época já bem resolvido integrante do êxodo rural, morando na cidade, mas com uma alma de campo e um jeito terrunho que o acompanhou até o final de seus dias, meu avô morava a uma certa distância de nossa casa, num sítio dele onde plantava, criava porco, tinha seus cavalos de confiança e um pouco dos costumes e das coisas trazidas lá do Quarto Distrito de Rosário do sul, mais precisamente aos fundos da internada do Sabugueiro e lindeiro com a Estância São Sebastião. Portanto, para ir até meu avô eu deveria utilizar algum meio de transporte, mas a regra número um, era ir a cavalo. Desta maneira e com uma certa frequência eu encilhava um cavalo tostado e rumava para o compromisso. Inicialmente meio a contragosto, pois parecia que aquilo era mais para agradecer

o gosto de meu pai, mas eu não desobedecia, mesmo sabendo que podia estar brincando, jogando bola, caçando de bodoque, andando de bicicleta, enfim fazendo qualquer outra coisa, mas não, eu seguia corretamente este rumo. Com o tempo eu já saía assobiando uma copla para este compromisso rotineiro, que somente mais tarde eu saberia da importância.

Por muitos anos fazia o trajeto de um extremo a outro da cidade, para passar as tardes com meu avô Adir. Lá eu conheci o verdadeiro mate bem cevado, cada caso mais maravilhoso na sombra das árvores. Eu ouvia quieto e viajava no tempo: As tropeadas, as atividades no Posto do Angico, as façanhas percorrendo a serra do Caverá, as secas e as enchentes, com aquele homem velho aprendi tanta coisa que hoje me orgulha muito ter vivido no tempo dele e ele no meu. A pilcha do gaúcho, os arreios, a importância de um xergão bem limpo, como ajeitar o toso do pingo, as luas de castrar, de plantar e de enfrenar, a jogar o truço e dar risada das mentiras deste jogo, das malícias do jogo de osso, com uma cancha feita por ele (especialmente para nosso entretenimento nas tardes) e assim por diante.

Coisas simples que contribuíram muito para minha formação, para que sempre eu mantivesse o gosto pelas coisas do nosso Sul.

Certa feita corremos uma carreira, eu num petiço e ele no cavalo de sua montaria, a parada era por rapadura, não me lembro se ganhei mas comi a rapadura igual. Noutra, numa marcação lá no Carcávio, fomos de trio eu ele e meu pai, perdi a conta de quantos pealos de colher ele botou, um atrás do outro (por ser canhoto não disputou espaço com ninguém), e eu estava lá para contar para meus filhos do orgulho que tenho dele e do quanto a figura campeira dele serviu de referência para mim. Meu amigo de verdade, meu parceiro, inclusive em algumas artes, mais correto que um cálculo matemático, negócio com ele sempre foi no fio do bigode e um jeito despachado de topar qualquer parada.

Assim cresci e me tornei adulto, com ele no meu costado as vezes de conselheiro, as vezes de escudeiro e muitas vezes, simplesmente de contador de histórias que afortunava minhas tardes com imagens impressionantes, com ensinamentos de um sábio, com valentia de um General Libertador, que se não fosse a firmeza de meu pai, eu talvez não vivesse momentos tão especiais que recordo com carinho e os guardo bem no fundo do meu coração.

Hoje, parafraseando Apparício S. Rillo, "...junto com a imagem que me parece de bronze e de

ferro” daquele campeiro que pra mim fez História.



*Dois irmãos de alma*

## O PARADOXAL MUNDO DE DON BARULHO

Ele era conhecido como Don Barulho. Don Barulho ou Seu Barulho para alguns, vô Barulho pra mim. Um ser ímpar, quase centenário, de característica rude e de sina campeira. Era bom ginete, aprendeu a trabalhar com o couro, laçava e castrava porque tinha a “mão boa”, mas sempre atirava os bagos pra trás, porque pra frente dava lunanco, dizia ele.

Estávamos levando meia tropa pra o campo dos fundos, numa pastagem boa, afinal tem que vender o lote de boas reses e garantir o lucro do patrão. Na ponta ia Dom Bastião e Maeco Florence, de meiero o Dom Ponciano e na culatra Don Barulho, Dona Ana e eu. Paramos no passo da pitangueira e apeiamos pra dar água pros pingos e descansar a tropa, afinal era dia e quarto de tropeada. Água boa e refrescante como raramente se encontra hoje, entre um gole e uma água pela nuca, separei o vô do restante do pessoal e indaguei sobre Dona Ana, uma mulher, acompanhar tropa e fazer serviço de campeiro. Como pode isso? Quiçá não tivera perguntado, sentia uma puada em cada palavra das frases formadas na resposta, mas a serenidade de sempre, de quem ensina e não agride, de quem conduz e não abandona.

Ele sacou um lenço do bolso da bombacha, enxugou a testa e sentou. Chamou todos os companheiros de tropeada e se pôs em posição de índio rastreados, de joelhos dobrados, quase de cócoras e iniciou me expondo aos demais.

Meu neto, novato na lida, veio aprendendo tanta coisa mas saibas que ainda faltam outras tantas para aprender, dentre elas porque uma mulher vem conosco fazendo fiador e campereando como um homem?

Notei certa inquietação na peonada, também entendi que a verbalização não seria só pra mim. Ele usou a voz serena, o olhar cortante, circundando todos nós como quem verifica o entendimento, falando sobre a igualdade. Sim a igualdade. Perguntou se notaram alguma coisa errada que Dona Ana fizera no caminho? Todos mantiveram-se calado. Dona Ana tinha ar velado, talvez ela nunca soubera qual era o discernimento do homem que ali versava sobre o tema de igualdade, ainda mais numa lida tão rude.

Vejam aqueles pássaros ali construindo seu ninho, vocês sabem quem é a fêmea e quem é o macho? Não sabem! Estão os dois trabalhando. Olhem aqueles cachorros lá tomando água, tem fêmeas e machos juntos,

vieram ajudando a conduzir essa meia tropa com agilidade e serventia.

E os pingos que usamos, mais de três quartos são fêmeas de bom andar, mas os machos são ágeis e fortes. Todos têm seu lugar ao sol, porque esse desejo antigo de que a mulher é menos capaz? Não somos iguais, somos homens e mulheres, machos e fêmeas, mas é só nessa ótica de classificar os seres pelo sexo. Sob a ótica Divina, na feição Suprema, somos um só ser, somos da raça dos seres humanos. Não há cor, sexo, gênero que nos faça distinto, há sim o que nos classifica: o respeito e o afeto. A intolerância e a incompreensão são armas poderosas nas mãos dos intolerantes, promovem insanidade e afloram a maldade.

Dona Ana vem nos fazendo costado com todo o seu valor e respeito, presta seu serviço com a mesma eficiência que nós e deve receber o nosso respeito por tudo o que representa.

Não acredito em coisas que a humanidade vocifera em vão meu neto, não entendo e morrerei sem entender. Falam em racismo, preconceito racial. Isso deveria ser separação de cor, porque somos todos da mesma raça, somos da raça humana, uns mais brancos outros mais pretos, alguns avermelhados, mas todo com mente, coração e alma e pra mim é isso que vale.

A mente pra compartilhar ensinamentos, a alma pra carregar as coisas boas do mundo e o coração pra receber e doar afeto. Simples assim.

Gênero, credo, cor, polarizar coisas é querer ser diferente e geralmente superior, não dá certo. Não há razão quando levamos ao extremo, não há diálogo quando incitamos ódio, não haverá tolerância enquanto não olharmos pra dentro. Somos impuros, imperfeitos e falhos, quem pensamos que somos ao julgar? Quando julgamos nosso semelhante, somos bestas rumando ao precipício, deixando de fazer sentido ao termo “semelhante”.

Encerrou o assunto, eu levantei e pedi desculpas a Dona Ana, pedi-lhe também um abraço e como me ensinou Don Barulho, meu amado avô, entreguei-lhe meu afeto de mente limpa e coração puro. Seguimos ao posto do fundo, empurrando a tropa assoviando coplas de afeto e ternura.

## **GAUCHO – ETIMOLOGIA, HISTÓRIA, MITOS E TANTAS OUTRAS COISAS QUE NOS LEGA A HISTÓRIA.**

Luiz Carlos Barbosa Lessa é um dos escritores favoritos em se tratando de Tradicionalismo. Não apenas pela bela e consistente escrita (apenas é duro de escrever para alguém desse quilate), mas pelo apreciável e riquíssimo conteúdo que traz em cada material que nos legou. Quando questionado (Barbosa Lessa) sobre a origem etimológica da palavra Gaúcho, de pronto respondeu que ninguém sabia ou conseguia de forma plausível e concreta identificar essa origem.

Existem uma explicação lendária que junta a palavra guaraníca “guahu” (uivo do cão) com o pronome também guarani, “che” (meu) e que gera algo completamente diferente como “gente que canta triste”. Já no Uruguai os estudiosos se dividem em duas vertentes, uma vem do professor Buenaventura Caviglio, que reporta ao instrumento “garrocha”, uma espécie de foice que, instalada geralmente na ponta de uma lança, cortava o jarrete dos bois, durante as caçadas do couro. Nesse caso, garrucho seria o homem que utilizava a garrocha, como os guaranis não conheciam o som de “rr”, passaram a dizer guahucho.

A outra vertente, liderada pelo professor Fernando Assunção, reporta-se à palavra francesa *gauche* (pronuncia-se “gôche”), que significa esquerdo e, por extensão, tudo o que não é direito. Daí o galicismo espanhol *gaúcho*, aplicado em Geometria e Arquitetura para significar aquilo que está fora de nível; e o primitivo *gaúcho* era considerado, dentro do plano social, como um defeito da raça espanhola. Houveram vários debates em outras regiões, mas nada que conseguisse trazer à tona documentos que assegurassem uma versão do nascedouro dessa expressão que conota em nosso estado, o estado de espírito, a identidade de um povo. O que Barbosa Lessa traz é que o primeiro registro da palavra se dá em 1787, quando o matemático português Dr. José de Saldanha andou por aqui como integrante da comissão demarcadora de limites na banda oriental do Uruguai. Numa nota de rodapé, em seu relatório de trabalho, esclareceu: “*Gauche* – palavra espanhola usada neste país para designar os vagabundos e ladrões do campo, que matam os touros chimarrões tiram-lhes o couro e vão vender ocultamente nas povoações. Soava à época pejorativamente. Mas fica claro que não se tratava de palavra portuguesa, nem do Reino nem da ilha dos

Açores. Como não sabia realmente de nada diferente do relatado, Barbosa Lessa carregava essa incerteza consigo, mas não com resignação, afinal, haveria algo mais que vagas suposições. Bem vejam vocês essa história escrita pelo próprio Barbosa Lessa e transposta no livro Rodeio dos Ventos da editora Mercado Aberto. Certa vez, após larga discussão sobre o tema e, não chegando a nenhuma resposta consistente, um amigo de extrema confiança sua, perguntou se podia consultar no plano espiritual alguma resposta para a etimologia da palavra gaúcho. Barbosa riu, mas consentiu. Eis que seu amigo lhe trouxe o relato que o Dr. José Saldanha tinha razão que a palavra era espanhola, porém não provinha do continente, mas das ilhas Canárias, tratava-se da distorção de guanche ou guancho. Intrigado, Barbosa Lessa buscou informações com espanhóis vindos das Canárias que confirmaram a existência de tais palavras. Inquieto e insistente, como bom pesquisador, Barbosa Lessa escreveu ao Professor Néstor Alamo, uma sumidade espanhola do assunto. Dizia na carta o ilustre professor que a palavra guanche servia aos habitantes pré-hispânicos das ilhas Canárias. Esta raça teve sua existência até a metade do século XVI, depois passaram a mesclar-se com os europeus

colonizadores. Claro que Barbosa, mesmo conflitando as informações, não submeteu a nenhum congresso ou estudo, afinal quem acreditaria que os astros, espíritos, entidades ou qualquer que chamem a fonte, seriam factíveis e quem não contestaria a sanidade do próprio Barbosa Lessa. Restou então registro no livro já anteriormente registrado, para o deleite dos leitores. Sejam gaúchos, guanchos, garrochos ou guanches, o que importa é nosso estado de espírito.

## NA ABA DO MEU CHAPÉU

Até não entendo quando falam, que o tempo está feio, quando está nublado, ou quando está chovendo... mau tempo.

Se a chuva assim como o sol fazem tudo acontecer, garantem a vida no planeta, o sustento e a perpetuação das espécies, mas bueno, a prosa é outra deixa pra lá isso, quero falar de um certo dia em que o tempo amanheceu bem nublado, sem o sol.

O meu rincão se preparava para receber uma indiada buena, para um dia especial de lida, de registros, de muita poesia nas imagens, imagens nos atos, nos fatos e em tudo aquilo que planejávamos.

Atentos as previsões de chuva e tudo mais, que para mim não é mau tempo, fui dando jeito na volta do galpão, puxando uma lenha, preparando uma água, para esperar uma indiada que daqui a pouco chegava.

Um dia recitei um verso da música “Tô de Volta” do Mano Lima: “Quando um amigo estiver lá no seu rancho, feche bem as portas e não deixe mais sair. Porque um amigo meu amigo eu te garanto é a maior fortuna que se pode adquirir. ”

Uma colega de aula me disse, tenho medo de ir na tua casa, tu vais me trancar!

Claro que foi de brincadeira, mas traduzo esta estrofe da música, a qual gosto muito, como um

sentimento fraterno de querer bem o próximo e fazer com que a presença de um amigo no teu costado se potencialize em coisas boas e boa energia. Assim foi em pouco tempo, o que era meu rincão, se tornou nosso rincão, dando vida a ideia de um grande irmão poeta e tornado possível a realização de projeto intitulado “Do Nosso Rincão” abrindo cancelas para a poesia do nosso Sul.

Tempo avançando, os amigos chegam e aquilo que era singular se enche de luz para iniciarmos o trabalho. Um simples momento se engrandece, somado ao profissionalismo nos registros e a simplicidade dos fatos que aos poucos foram tomando forma e misturando imagens e poesia. Ao meu lado, meu filho do meio, batizado neste momento de capataz, pois era quem corria na volta disposto e prestativo. Também alegre com a presença dos amigos, cada passo era uma foto e o dia se enche de luz quando o Sol chega branindo, contribuindo ainda mais para os registros.

Pingos encilhados a preceito, inclusive o do capataz, rumamos pra uma troteada com prosa buena demais. Charlas de vida e vivência mesclando sons campo a fora, e as cenas viram poesia nas lentes do mestre Nunes, um pouco abaixo do estrivo o Guaiaca e o Campeiro, dois cachorros companheiros pra

toda a vida e serviço, mas hoje era leve a pegada.

De volta as casas, já na mangueira, tosa de potro e costeiro, depois dos pingos lavados, fogo grande e graxa nas brasas. O capataz mui atento, afinal não pode faltar lenha pra o fogo, que vai se misturando com a fumaça decorando o nosso momento, transbordando sentimentos.

Por isso boto sentido e volto ao Mano Lima novamente. Como é bom estar com amigos, com irmãos e em família.

Um gole de caña boa, violão e bombo leguero. A música enche o momento ainda mais, foto e mais foto, uma alegria infinita estar ao lado deles fazendo o que se gosta e num repente a fé da gente dá sinais. Eu tenho uma crença antiga nas forças do universo e na proteção divina do Grande Arquiteto e seus anjos de luz, que nos protegem e guiam nosso caminho, pois não é que de repente um estouro para tudo. Um estouro dos grandes. Do meio do fogo de chão voam brasas pelos ares, terminando com a cena momentaneamente. O fogo sobre o concreto superaquece o piso e explode, mandando brasas para os ares. O capataz mui atento e protegido, o Nunes mais afastado não consegue pegar nada deste momento e o tocador que é sagrado, já dizia Dom Caetano,

larga o violão de repente e saímos nos tapeando se defendendo das brasas. Alguém no alvoroço gritou: “Olha o chapéu!”

Bueno, aí sim digo e repito que nem sempre um céu escuro se diz que é tempo feio, nem sempre a brasa que queima traz feridas, nem sempre um estouro grande serve para assustar, pois acreditem amigos ao debater na aba do chapéu onde tinham brasas acesas todos vimos uma imagem maravilhosa de Nossa Senhora Aparecida, que por ser Aparecida veio nos iluminar o momento, trazendo ainda mais alegria e luz, devolvendo a paz pra volta do fogo que foi recomposto e cada um reassume seu banco, na paz do Nosso Rincão. Entre outros tantos registros, ficou este no chapéu uma imagem de uma Santa que abençoou nosso momento, contrariando previsões de chuva e unindo ainda mais os amigos, chegando para ficar abençoando a caminhada e os da volta deste fogo, que creem na fé de um campeiro.



*“uma brasa se acomodou  
bem na aba do sombrero  
e o Fabio mais que ligeiro  
sacou-a limpando assustado  
e ali ficou estampado  
em fogo o fato altaneiro”*

## **DAS COISAS DE NOSSA SENHORA**

Era um dia especial, dois irmãos se encontrariam para dar andamento em um projeto que lhes agradava tanto e de tal forma, que as almas se iluminavam ao falar sobre ele. O prognóstico era de um dia cinza, sem muita luz do astro rei, mas com energia boa transbordante de cada coração.

Havia um furor de que tudo desse certo, que o irmão estivesse empolgado, feliz e que o dia fosse maravilhoso.

Também teria um terceiro elemento, o homem das fotografias. Fotógrafo não é apenas o homem por trás das lentes, mas um homem que desfigura imagens com arte e talento, que nos habilita a ter a certeza que o Grande Arquiteto do Universo derramou sobre ele bálsamos de boa mirada.

Fomos se achegando despacio, com as nossas rainhas entregando-nos ao campo e ainda de quebra o Capataz ficaria para nos botar “na forma”.

O dia esqueceu dos prognósticos e contrariou até a mãe natureza. Sol no céu, nuvens que passeavam e nos permitiam iluminação magistral e ainda toques de singeleza dos cavalos, dos cachorros, dos pássaros que revoavam e nos davam saludos, além do espelho no açude firme e resplandecente que

parecia saber que faríamos vários retratos usando-o em parceria.

Levamos os pingos pra mangueira, escovamos, aparamos as crinas, interagimos para que homem e cavalo se conectassem criando novamente o centauro da pampa, parceria que o tempo deixa registrado nos campos deste sul. Meu irmão com habilidade da lida me ensinava passo a passo a preparação do pingo, afinal nunca tive a perícia que meu avô e meu tio-avô campeiros.

Xergão, xerga, carona, basto, látégos, rédeas, buçais, são as pilchas do animal, que deve estar a preceito, sentindo o respeito que o peão entrega a ele como forma de parceria.

O cavalo não é a montaria somente, nem o meio de transporte, mas o trono do monarca das campereada. Pingos de lei empurraram no peito esse pago pra diante. Sustentaram na força das pernas os bois alçados e os homens nas guerras, ah esse animal tão imponente repassa ao seu parceiro de montaria uma coragem e uma tranquilidade que se tornam vagas as palavras.

Encilhamos, alçamos a perna e nos sentimos dois peões monitorados por um minúsculo capataz, tão dono de si e de sua capacidade, que seu petiço tordilho atendia seus comandos sabendo da responsabilidade que carregava.

Saímos em passos firmes mas lentos, ambientando campo e centauros, desbravando o momento, esbanjando cavalos, sempre sobre a mirada atenta do nosso fiel capataz.

O artista do dia, nosso irmão das fotografias, parecia ter sumido em uma nuvem, pois tornara-se invisível enquanto fazia com destreza e maestria seu trabalho, que só viríamos a nos esbaldar mais tarde.

Foram cavalgadas tranquilas ao redor do campo, explorando paisagens, falando de coisas mundanas, assuntos pessoais, estreitando ainda mais o laço de irmandade que nos une.

Fazendo o nosso melhor para que o primeiro trabalho em parceria fosse concebido com amor, carinho e muito respeito.

Não é à toa que batizamos de “Do Nosso Rincão”.

Afinal arrinconamos alma e tempo no intuito de levar a poesia aos quatro cantos do mundo. Sim do mundo, do universo, afinal somos bem pretenciosos.

Aguada boa, o açude amigo, cavalos no prumo, de revesgueio me leva a água meu companheiro de montaria. Não me abalo.

Atiro a perna pro lado e tapeio o chapéu pra trás concluindo com uma risada debochada. De

que adianta resmungar, o meu parceiro tinha calor, deixa ele matar à vontade então.

Meu irmão e o capataz ficaram por tempo me sacaneando, como bons parceiros, jamais me abalaria com essas troças e seguimos de gargalhar até o galpão.

Claro que tenho de salientar, o retorno ao lombo do meu parceiro foi doído, afinal joelhos e pés já não são tão ágeis quando chegamos aos cinquenta.

Rumo ao galpão desencilhamos no parapeito. Saca do lombo, estende na cerca e deixa secar os aperos.

Enquanto isso, dentro do galpão, preparamos um fogo bem macanudo pra dar uma chairada na fome.

O meu irmão, que não é de froxar nenhum tento, estendo o braço com uma de canha batizada com butiá, coisa bem boa pra afrouxar a goela. Nosso capataz foi bota que bota e ajustou o fogo, e o retratista afamado, nem te ligo pra nossas falas e meneios, sempre concentrado em buscar o melhor ângulo, a melhor pose com a melhor iluminação.

Seguíamos ali na simplicidade do galpão, com fogo grande, trempe armada, uns tira gostos no fogo e o capataz na incumbência de manter vivo o braseiro.

Alheio a tudo o nosso outro irmão das lentes mágicas registrava o momento, num repente, quando estávamos entretidos e terminando um musicamento, um estouro ensurdecador faz a trempe e os tira gostos irem pelos ares.

Atônitos ficamos nos olhando e sem entender nada levantamos rapidamente para ver se o capataz estava bem.

Por sorte foi só o cagaço, todos bem, fora o concreto que rachou, estourou e fez voar caco pra tudo que é lado.

O capataz de olhos esbugalhados vem de lá em direção ao meu irmão e percebe que havia uma brasa sobre a aba do chapéu.

Rapidamente sacaram o sombrero da cabeça, bateram a aba, tiraram a brasa e acreditem se quiserem, no chapéu ficou estampado a silhueta de Nossa Senhora Aparecida que com toda a certeza nos iluminou, abençoou e protegeu.

Hay coisas que só os que viram saberão. Outras fica aos que leem...

## **PASSADO E MEMÓRIA**

Algumas coisas se perderam no passado, mas jamais se apagarão da memória...

Existem coisas que acontecem, aconteceram ou acontecerão só em um determinado lugar, como por exemplo são, as coisas que conhecemos como folclore local, ou tradição regional. Aliás, em uma próxima oportunidade vou explicar aos leitores que a tradição nos remete ao passado mais remoto, histórias de antanho que os alfarrábios escondem dos desavisados. Já o tradicionalismo é contemporâneo, algo recente que foi despertado pelo resgate dessa mesma tradição, mas isso é tema pra outra prosa.

Agora o potro alçado chamado saudosismo me levou para longe, me vi um piazito, melena enredada, calças curtas, sandálias de couro marrom da Ortopé, sentado num banquinho tosco, trocando conversa a beira de um fogão a lenha com o meu avô, Seu Osvaldo “Barulho”. Ele magro, alto, cuia na mão, barba por fazer, olha-me fixo contando suas façanhas de

quando era capataz de estância chefiando a peãozada. Coisas que me marcaram profundamente.

Esse mesmo avô, que enfiava as mãos sobre o cós das calças e saía como um coronel vistoriando o terreiro, adorava ver os netos jogar bolita. Era só pra surrupiar alguma, muy vivaracho, escondia e depois fazia mágica de aparecer as bolitas que haviam sumido. É eu jogava bolita com meus primos, hoje em dia não se vê mais essa brincadeira por essas bandas...

Meu avô também, quando podava uma árvore, ensinava a escolher a melhor forquilha, aquela com certeza seria a funda que usaríamos para caçar passarinho (me sinto que fiz parte dos destruidores da natureza). Passarinho, que nada, no âmago de sua mente ele sabia que não acertaríamos nem as latas de azeite “Violeta”, hoje o plástico engoliu as latas de azeite e acabaram com as partidas de taco na rua da frente. Com pedaços de galhos (dependendo do desenho) podíamos fazer armas, andávamos sempre armados, afinal o Forte Apache, o Zorro e Bonanza eram clássicos da época. Isso quando não assobiávamos o Dólar Durado, fingindo duelar entre primos e amigos. Ninguém queria morrer, era sempre uma briga.

Algumas vezes meu avô saía pra cancha do “Gringo”, jogar uma bocha, as vezes (quando estava de bom humor e a gente não infernizava) ele nos levava pra ver que ele era bom na bocha. O Fernando do Gringo (filho do dono do local) era gaiteiro, dos bons, tocava Gildo de Freitas, Teixeira, José Mendes entre outros, enquanto o jogo corria solto, ele alegrava o ambiente com um gaitaço de primeira. Isso ocorria entre as duas horas da tarde até umas cinco e meia, daí o vô lembrava que precisava ir fazer o mate da tarde e voltávamos para casa. A vó esperava com uma cuca, um pão caseiro, manteiga e uma chimia de goiaba (que ela mesmo fazia) que era dos anjos. Aliás a minha avó era a cara de um anjo, desses de cabelo completamente branco e olhar meigo, costureira, cozinheira e uma vó dessas que não se faz mais por aí.

Também tinha, as quintas feiras, nossa incursão ao rinhadero. Dizia ele que minha avó nem minha mãe sabiam que íamos lá, era nosso segredo. Pra mim era um lugar espetacular, parecia o coliseu dos galos. Imaginem num círculo de terra rodeado por arquibancada, também circular. A arquibancada bem ajeitada, forrada de uma napa vermelha no acento e pintada de cal branca nas madeiras que as sustentavam. O

dinheiro rolava e quando perguntei pro vô, pra que o dinheiro ele disse que pra ver o espetáculo tinha que pagar ingresso, que sem vergonha, era jogo de aposta e ele me passou a perna. E os galos de pescoço comprido e pernas ágeis se puavam com suas esporas revestidas de aço, uma luta sanguinária que fazia o povo a volta extasiar-se por momentos. No domingo, quando se reuniam todos na casa do vô e da vó, quebrávamos a rotina dos dois, o vô desligava o rádio que ficava sintonizado nas notícias a espera do Grande Rodeio Coringa e a vó não ia poder acomodar-se na banqueta para assistir o Silvio Santos.

Não importava a estação do ano, o tempo, nem a temperatura, o fogão de lenha estava sempre de prontidão com a chaleira cheia de água pra o mate e o forno aquecido pra alguma guloseima.

Em épocas de frutas, tinha também o revezamento para mexer a pá de madeira no imenso tacho de cobre, de onde saiam chimias e doces de cortar maravilhosos. A mão de obra era dos netos, que se revezavam na tarefa pra depois saborear as doçuras.

Nesse mesmo fogão, no mês de julho, tinha o preparo do famoso mocotó do vô, ele gostava de preparar o mocotó pro aniversário, a vó

tirava um pouco da graxa de mocotó e fazia umas rapaduras que eram deliciosas.

Com esse casal de velhinho aprendi a gostar das coisas simples da vida, entendi que a gente tem que se preocupar em “ser” não em “ter” porque quando se vai pro outro lado, tudo que tu tens fica pra trás, mas tudo o que tu foi permanece vivo nas pessoas. Aprendi que o gari e o médico têm o mesmo valor, só que eu profissões distintas.

Se hoje posso falar de como se faz pandorga, como jogar bolita, como costurar um botão, montar a cavalo, fazer uma funda, enfim dessas coisas que o tempo apaga da vida, mas não da memória, foi porque atenciosamente escutei meus avós. E não pense que meu avô me ensinou que ir ao rinhadeiro era certo, que passar a tarde na cancha de bocha no sábado era perfeito, não. Ele tinha seus vícios em vicissitude, mas sempre me explicava o que era certo e errado.

Adoro interagir com todos os públicos, também porque meus avós me proporcionaram isso, de tratar a todos de forma igual e respeitosa.

Algumas coisas se perderam no passado, mas nunca se apagarão da memória...

## DO CAMPO ÀS ESTRADAS, OS VERSOS

Seguimos por caminhos que as horas, apressadas, empurram sempre para que não façamos a campereada. Somos de essência, se a missão nos foi dada será cumprida, na mangueira embuçalamos, rasquetreamos, tosamos e levamos pra frente do galpão.

No parapeito encilhamos, alçamos a perna, gritamos pra cuscada e seguimos as ordens de um piaizito capataz.

No rumo do campo encontramos as estradas e elas nos levam as jornadas que, terrunhas, nos fazem versejar.



## **MEUS VALORES**

Tenho amigos desses pra uma vida inteira que entendem a responsabilidade de mostrar os valores ao mundo.

O valor da família, do afeto, da fraternidade. Outro dia um desses valorosos amigos me pediu pra escrever algo que falasse disso, que ele iria musicar e entregar pra o filho cantar. Eis que fizemos os versos de Meus Valores que ficou registrado na voz desse jovem querido de Guaíba, o Esthevan Lima filho do meu amigo Jaison Lima.

### **Meus Valores**

Um panuelo ao vento  
e o chapéu macanudo  
trago acima de tudo  
o respeito e o amor  
Confiança na voz  
porque muito aprendi  
apesar de guri  
com meus pais e meus avós

São heranças que o tempo  
no seu movimento

nos projeta ao futuro  
pra ser universal  
valorizo o meu chão  
Nas histórias escritas  
e as heranças bonitas  
Que chamamos tradição

Sou o futuro senhores  
Sei onde os rumos me levam  
E os ventos que me carregam  
Trazem o Rio Grande ao costado  
Muito mais que um estado  
Essa é a querência gaúcha  
Que salta num "a la pucha"  
E une futuro ao passado

A seiva que eu sorvo  
traz gosto de campo  
mesmo ainda piá,  
entendo os valores  
Então meus senhores  
respeitem meu chão  
pois nossa tradição  
Fala em mortes e dores

O sangue que herdei  
Se fez em trinta e cinco  
aprendi com afinco

o valor da minha raça  
povo heroico e bravo  
que tem sempre atitude  
pois quem não tem virtude  
acaba virando escravo.

## **RONDANDO SENTIMENTOS**

Humanidade...

Por muitos da espécie,  
ou humanos por corações bondosos?

Pensamentos de fim de noite,  
eu olho ao longe, água na cambona  
angico em brasa pura, fogosos  
os olhos de olhar lonjuras  
os mesmos de viajar planuras  
na concavidade do assunto  
ensimesmaram-se no espelho  
da água que chia sobre a chapa.

Cevo meu mate, puxo a palha  
sovo ela como de costume  
o criollo picado pela prateada  
também desmancho na palma.  
Essas mãos calejadas  
já conheceram tantas quarteadas  
que agora, preparam o pito,  
pois hoje eu vou rondar sólito  
pensamentos de noite enluarada.

Humanidade... palavra reticente  
Será somente povo, povaréu, gente  
ou ato incessante de bondade?  
Afinal de onde a palavra humanidade  
traz essa coisa de expressar o bem

se humanos são tão diversos,  
uns andam ao reverso  
outros buscam, sem olhar a quem  
o ato maravilhoso da caridade.  
Não esperam obrigado...  
Não prognosticaram sorrisos...  
Nem apertos de mão.

Sirvo mais um mate,  
a cachorrada atenta a tudo  
me acompanham mudos  
e nem o sono me bate.  
Acomodo a bomba na boca  
uma tragada no mate,  
outra no palheiro amarelido.  
Entre a fumaça e a figueirilha  
o pensamento Darwiniano  
de quem tem jeito de taura  
mas buscou nos alfarrábios  
ensinamentos e esclarecimentos  
pra divagar em noites como esta.

Olho os bichos na volta  
cusco, cavalo, uma coruja na trama  
não têm a nossa humanidade  
mas quanto dela dedicamos à eles  
se as vezes nem aos iguais dedicamos?  
Há em alguns humanos  
uma desumanidade perversa

como se fosse único e onipotente.  
Da mesma forma que em outros  
há uma humildade tão grande  
que até as bactérias se sentiriam enormes.  
Quem realmente é o melhor  
e quem realmente é o pior?

Sou eu... Sim eu mesmo,  
que sirvo meu mate sólito,  
sorvo o criollo quietito  
e fico quase sempre a julgar.  
Entendo que está nesse ato  
o fato medonho que compromete  
todo e qualquer efeito da humanidade.  
Não do povo, humano de gente,  
mas das teias da mente  
em medir sempre sem régua.  
De olhar e julgar, isso e ponto,  
mas quem somos nós para juízes?  
Senão réus culpados e ignorantes...

Julgar é para lúcidos e bondosos,  
almas que jamais julgariam  
exatamente por essas qualidades,  
exatamente porque entendem a verdade  
e carregam em si, essência de humanidade.

Na mão que afaga,  
no colo que acalanta,

na voz meiga que canta  
quando o amor se apaga.  
No abraço que enlaça  
e verdadeiramente abraça,  
sem medida e sem medição.  
No ato de ser bondade e perdão,  
independente do agente  
independente do ator.  
Bondade é zelo com amor,  
humanidade é amor em semente.

Junto da humanidade sentimento,  
brota a irmandade, a fraternidade  
dar sempre ao outro a liberdade  
de ser e ter o que desejar,  
livre arbítrio pra semear  
porque a colheita é sempre certa.  
No povo vem o coletivo da palavra  
dela e desse coletivo atrevido  
brota então um novo sentido,  
que nessa minha tosca ignorância  
me pergunto se todos humanos  
colocassem em seus planos  
livrarem-se da arrogância  
da prepotência e do julgamento  
o mundo não seria por um momento  
mais ameno e mais humano?

A erva lavou, o pito apagou

a noite traz a brisa gelada  
recosto a espalda cansada  
(o fogo quase mermou),  
no ultimo ardor de tição,  
reviso o meu coração  
e peço quase em oração  
pra que eu seja perdoado.  
Afinal eu rondando emoções  
me deparei com a verdade  
a minha dura verdade  
que fui mais juiz do que réu  
e agora rogo pra o céu  
que devolva minha humanidade.

## **DAS COISAS ESSENCIAIS**

Por onde andam os campeiros essenciais  
Que desenvolvem a pecuária dia a dia  
Onde se encontram os guasqueiros magistrais  
Que de suas mãos o couro vira artesanaria

Já não se encontram alambradores no interior  
Chave de arame enferrujou pendurada  
São desprezados a terra e o agricultor  
Que do labor sustentam a mesa abastada

Canto o meu chão pra que se torne universal  
Usando o sal da terra-bugra-mãe-querência  
Canto meu canto com matizes de ancestral  
Verso bagual valorizando a nossa essência

O tropeirismo se perdeu num corredor  
Entre o suor e as mulas carregadeiras  
Varais e ganchos já perderam sua cor  
Vendo as charqueadas sucumbir na polvadeira

Pra onde foram as antigas benzedadeiras  
Não se encontram nas histórias retratadas  
Nem carreteiros e as carretas cantadeiras  
Que se perderam no aboio das jornadas

## O POETA E OS LIVROS

Sei que sou um misto  
de poeta e louco  
me dedico um pouco  
ao que me mantém vivo  
falo desses tantos livros  
cheios de palavras  
frases tão fartas  
com emoção e conto  
travessão e vírgula  
interrogação e ponto

Também sou ébrio  
por esses papéis sábios  
maços de alfarrábios  
que me elevam ao trono  
me embriagam em sono  
e durmo em um instante  
dentro da estante  
que de tão gigante  
rica em sabedoria  
que ao raiar do dia  
acordo ignorante

Sigo o ciclo assim  
fugindo de mim  
me entregando ao livro  
ele me cobrando  
pra ir lhe folhando

em sua capa dura  
folhas e brochuras  
cheias de cultura  
vai matando aos poucos  
aquele velho louco  
despertando o poeta  
com essa alma inquieta  
que adora os livros

Veja que interessante  
dentro dessa estante,  
uma aranha teima  
em fazer sua teia  
entre o canto esguio  
e um livro bem feio  
todo empoeirado  
nem me atrevo a ler  
não por não querer  
mas por perceber  
o trabalho danado  
que a aranha teve  
de colocar a teia  
fio por fio com amor  
sublime sublinhando  
o nome do autor

Afinal tem tantos  
muitos outros livros  
vários outros contos

tantas velhas fábulas  
séculos de história  
milhões de memórias  
gente, coisas, bichos  
há nessa montanha  
de frases perfeitas  
minhas rimas mal feitas  
te trazendo ao mundo  
pra quebrar correntes  
e ensinar minha gente  
que basta abrir o livro  
pra aprender da vida

O cheiro de mofo  
um bolor no papel  
que destino cruel  
ficar assim tão guardado  
vou me rebelar  
e reler todos eles  
vou nadar pela estante  
dormir entre frases  
correr nos hiatos  
revirar outros fatos  
cavalgar com Cervantes  
pelear com os infantes

Vou pajar com Caetano  
Escutar o Aureliano

dançar com o seu Paixão  
Estrategiar com Napoleão  
Serei nau e serei vela  
serei tinta de aquarela  
ilustrando uma história  
enfim serei memória  
carregando uma bandeira  
um Cristóvão Pereira  
desfraldando matagais  
serei menos ou serei mais  
Darwin ou Marco Aurélio  
sou sinônimo do Aurélio  
entre verbos dos anais

Entre história e geografia  
matemática e astrologia  
me vi com a filosofia  
um neófito na escuridão  
bebi da fonte de Platão  
e aprendi que os astrolábios  
são iguais aos alfarrábios  
instrumentos de viajar  
com a missão de ensinar  
só um pedido vou fazer  
por favor vá me atender  
não hesitem em me salvar  
me soltem dessa estante  
pois senão de ignorante  
vai o povo me chamar

Soltem os livros!  
Soltem todos!  
Deixem as crianças pegar  
deixem ler e rabiscar  
que as crianças e seus livros  
não vêem pedra nem muro  
são os pássaros do futuro  
sem nenhum medo de voar



*Bento Malcorra - Capataz*

## DE TROPEIROS E ESTRADAS

A lua espora prateada  
faz roseta das estrelas  
nessas madrugadas frias,  
se debruça nas alturas.  
Os campeiros nas planuras,  
trabalham reculutando,  
são índios de berro grosso  
com seus mangos abanando.

Em forma a boiada arisca,  
num flanco do partidor,  
o ponteiro campeador  
brada forte se agiganta  
um espinheiro de guampa,  
desembocando na estrada.  
quem não conhece da lida  
não termina essa jornada.

Ouve-se o ruflo de patas,  
um estouro se formando.  
Na culatra vão gritando  
e o matreiro se ladeia,  
um cusco que garroneia  
- mui valente os meus parceiros -  
Sem fibra, força e tutano  
não seguram esse espinheiro.

Barbosa vai ao fiador,  
paleteando ajeita os lado  
sujeitando o seu bragado  
trabalha pra “empareia”.  
Se esses bicho enveredá,  
enfeia toda a bolada  
quem se sustenta da lida  
enfrenta qualquer parada.

Fica pra trás o varzedo  
e o Posto da Pitangueira.  
a lua foge faceira,  
deixa o sol domar o céu,  
vão ganhando o mundaréu  
sobrando marcas de patas,  
boiada que vira charque,  
tropeiros campeando “plata”.

Quando se findar a volta,  
cumprindo mais um destino  
nesse andejar campesino,  
longe da prenda e do piá  
sempre me acompanhará  
na lembrança a prenda amada  
e o sorriso do meu filho  
que comigo pega a estrada.

## **SEMENTE DE VIDA**

A prenda amada  
vai regando a semente  
que se faz gente,  
pronto pra desabrochar.  
Enfeito o rancho  
com brinquedos e presentes  
fico impaciente,  
quero ver o meu piá.

Que foi gerado  
em noite clara de lua,  
a alma tua  
dividiu grande emoção,  
pouco a pouco  
redomão se fez domado  
fui palanqueado  
firme no teu coração.

Por essa gaita,  
que sonora traz o canto  
marejo o pranto  
campeando teu olhar.  
Te encontro firme  
sem temer a dura lida  
és minha linda  
e pra sempre vou te amar

Cutuco a espora

num corisco muy matreiro  
pingo ligeiro  
bom parceiro, um amigo.  
Sigo a la bruta  
campereando o sustento  
cada retorno aos teus braços  
meu abrigo.

Patrão do céu  
que enfrena a vida e faz estâncias,  
cura essas ânsias  
com o que vais me regalar.  
Contemple o mundo  
com mais um de teus campeiros,  
Gaúcho e guapo  
em nosso rancho a camperear.

## À DOM “BARULHO”

“Quem poliu esses campeiros,  
repassou a lida e o tino,  
o gosto por essa terra,  
não foi nenhum herói de guerra  
mas meu herói de menino.”

Se fez campeiro ainda piá  
Mãos calejadas dos tentos  
Laços, mangos, cabeçadas  
Vida pobre amargurada,  
Mas nunca escutei lamentos

Nas madrugadas tropeiras  
Mate e prosa num galpão  
Cantava antes dos galos,  
Nunca temeu um pealo  
Amava a filha do patrão

Barulho herdado do pai  
Osvaldo a mãe quem lhe deu,  
Enfrentou a madrugada  
Pra fugir com a prenda amada  
E dar origem aos seus

Sobre o vento, relampeje  
São Pedro atire um mandado,  
Que o Barulho na imensidão  
Canta na voz de um trovão

E o mundo lhe faz costado  
Deixou pra trás a estância  
Se aquerenciou na cidade  
Lidando qual João Barreiro  
Sustentou os seus herdeiros  
Com suor e dignidade

Na estampa do velho taita  
As rugas moldaram o rosto  
Fez as honras de um pampeiro  
Viu a amada ir primeiro  
Pra depois deixar seu posto

Barulho herdado do pai  
Osvaldo a mãe quem lhe deu,  
Enfrentou a madrugada  
Pra fugir com a prenda amada  
E dar origem aos seus

Sobre o vento, relampeje  
São Pedro atire um mandado,  
Que o Barulho na imensidão  
Canta na voz de um trovão  
E o mundo lhe faz costado

## EXALTANDO ZÉ CLAUDIO - UM CAMPEIRO

Ouço um Cantar Galponeiro,  
vem lá do Rancho do Zé  
aquele Moço cisudo  
que sabe sempre o que quer

Parece até o Canabarro,  
sempre de bota e bombacha  
Gaúcho, cento por cento,  
que cimbra mais não se agacha

Buenacho na paleteada,  
também no tiro de laço  
e já num pega pra cima  
agüenta firme um trançaço

Quando sopra o minuano  
fica veiacó e cabreiro  
desencilha o seu flete  
e sai tapeando o sombrero

Já arrucinou muitos pêlos,  
foi sempre firme nos bastos  
Hoje dobrando os pelego  
canta seus feitos e fatos

Se te convidas pra prosa,

Entre Prosas E Versos 96

apeia do pingo e não negue  
causos não faltarão,  
nem mate e cara alegre

De como cantar um flete  
Ihe salta firme da voz  
ou como uma oração  
um Chasque pra Dom Munhoz

Conhece a lida de campo,  
sabe o sonido do vento  
se chover ele faz:  
Milonga Abaixo de Mal Tempo

Quando partires Zé Cláudio,  
gaúchos quedam o chapéu  
os potros por reverência,  
olham crinudos pra o céu

O Patrão Véio campeiro  
é quem te receberá  
Num vozeirão solta o verbo:  
- Te achegue Pedro Guará

## À UM CAMPEIRO DE MOSTARDAS

Na tez guapa da campanha,  
cinza-rubro o céu desaba.  
Uma ventania braba  
empoeira o firmamento,  
prenunciando o nascimento  
de um Gaúcho mui campeiro  
num casebre enfumaçado  
com o picumã do candeeiro.

Poucas posses, muitos campos  
pra repechar pela vida,  
tendo os apreços da lida,  
tocava o mundo por diante.  
Naqueles campos distantes,  
rodeios e campereadas  
fez parceiros e história  
num recanto de Mostardas.

Erceu, homem guapo e simples  
sem estudo nem pataca  
guardião e patriarca  
do campo onde invernava.  
Caraguatá se agachava  
em reverência pro quera  
que guardava as provisões  
no chão rude da tapera.

Destemido e desprovido

de etiquetas e asseio  
iniciava seu rodeio  
com os apoios da manhã.  
O clarim de uns Tajãs  
acordava Erceu pro mundo.  
deixa o gado na invernada,  
pra pega a várzea do fundo.

Triste sina deste peão,  
amante da sua querência,  
na saúde a deficiência  
da própria locomoção.  
O sorver do chimarrão,  
ficara só de legado  
sumiu triste entre o arvoredado,  
com um laço enrodilhado.

Doze braços, uma árvore  
e seis tentos de sovéu.  
Ruflaram raios do céu  
em fúnebre despedida.  
Desafortuna da vida,  
escolheu a própria sorte  
encerrando suas andanças  
no enforcamento da morte.

## **CRIOULO JASMIM**

Era um sonho de infância  
Dos manos Márcio e Eduardo  
Que tinham alma de estância  
Pelo osco e despachado

Nas águas Claras de Tapes  
O negócio foi firmado  
Êta cavalo Crioulo  
Meu rosilho colorado

Vai pra Cabanha Raízes  
Baldoso, maula e crinudo  
O Marcelo e o Cristiano  
Põe na forma esse cuiudo

Lá vem Dom Eduardo  
Pisoteando nas coivara  
Pilchadito, enforquilhado  
No Jasmim das Águas Claras

Garboso, bem entonado  
Cola atada a canta galo  
Encordado de doze tento  
Pro dono ter o regalo

Escuta o trim das esporas  
Mango e franjas abanando

Pras precisão dessa lida  
No aparte ou garroneando

Doze braças a bate cola  
Figa pra benzer nos tento  
Afinado um par campeiro  
Desenhando o firmamento

Lá vem Dom Eduardo  
Pisoteando nas coivaras  
Pilchadito, enforquilhado  
No Jasmim das Águas Claras

## DA GROTA

Cavilhada pro campo,  
novilha na encerra  
gadaria que berra  
agorando o quebranto.  
Na lida que estampa,  
tropeador e campeiro  
desperto primeiro  
que o sol pirilampo.

Vassourão de carqueja  
limpando o terreiro,  
um casal de barreiro  
emoldura a janela.  
Meu rancho pequeno,  
se ajeita pros dias  
florindo alegrias  
prá os cabelos dela.

Esse jeitão que tenho  
de rural e campeiro,  
de cantar altaneiro  
minha lavra de essência.  
Sou do Sul do Rio Grande  
canto o povo guerreiro  
na bainha a coqueiro  
e no peito a Querência.

Sou do barro da terra

e capim santa-fé  
que moldou o Sepé  
das guerras missioneiras.  
Vim pro mundo da grota,  
onde a vida se encrava  
é de lei minha lavra,  
minha estirpe é campeira.

Feito rio e barranca,  
aguaceiro e enchente  
trompo o mundo de frente,  
não refugio bolada.  
Canto campo e galpão,  
meu rincão, gente buena  
alma clara e serena,  
horizontes e estradas.

## LEGUERO DEL ESTERO

Foram os homens primitivos  
primórdios das cordilheiras  
batendo com seus motivos  
em pedaços de madeira  
trouxeram toques altivos  
pra enviar comunicados  
entre os mortos e os vivos  
nos seus rituais sagrados

Do corte já nasce o som,  
na vida livre extirpada  
é o tombo do tronco bom  
em terra dura parada  
o cerne entrega o tom  
pra o corpo do instrumento  
na mão que carrega o dom  
de madeira, couro e tento

Quando espanhóis aportaram  
pra descobrir novas terras  
as cordilheiras cruzaram  
com seus tambores de guerra  
na história pisotearam  
em carniceira incursão  
os bombos não se calaram  
na seiva em sangue no chão

No sem fim de um continente

tolderias enfumaçadas  
primitivos valentes  
resistência mal lograda  
matando fruto e semente  
na cor escura do ser  
que sendo assim diferente  
o branco não quis saber

Um exército musical  
com sons de patas de equinos,  
de melodia abissal  
no continente sulino  
lutava o bem contra o mal  
carnificina sem freio  
num ritmo infernal  
de tambores e tiroteio

Em marchas e cavalgadas  
era o toque militar  
avanços e retiradas  
não pode o índio dobrar  
por entre as matas fechadas  
e os montes mais altaneiros  
nasciam as batucadas  
do nosso bombo leguero

Invocando as Salamancas  
Tuco-tucos e El Condor  
clavando bandeiras brancas

em nome da terra e do amor  
suas rudes almas francas  
soltando grito de guerra  
em montes, matas, barrancas  
eram donos dessa terra

Leguero te batizaram  
pelo eco do teu grito  
das mãos que te retumbaram  
soltando voz ao infinito  
jamais te silenciaram  
gananciosos invasores  
as almas que dizimaram  
dão força para os tambores

Por léguas ouço leguero  
por léguas voa tua história  
teu grave som povoero  
cantando tua trajetória  
no embalo chacareiro  
na zamba ou na vidala  
Santiago del Estero  
teu nome que me embala

O artesão te da vida  
tua vida vive na gente  
ao escutar tua batida  
o mundo anda pra frente

se o povo te da guarida  
te tornando universal  
é a emoção sem medida  
para ser transcendental

Sotaque de outro rincão  
nesse teu couro encantado  
convidas voz e violão  
pra um cantar arrinconado  
é a seiva do santo chão  
projetando a transcendência  
pulsando teu coração  
replicas pátria e querência

Cada bombo é diferente  
cada um tem sua história  
a tradição dessa gente  
escrevendo tua trajetória  
que nasceu humildemente  
em Santiago del Estero  
pro livro do eternamente  
teu nome Bombo Leguero

## **A DON TELMO DE FREITAS**

Tem sempre um momento  
Pra tristeza e pra alegria  
Hoje se vai de aporfia  
Um tropeiro, um esquilador  
Homem sábio e de valor  
Partiu pra rondar uma tropa  
Chapéu tapeado na copa  
De encontro a lua redonda  
E nesses quartos de ronda  
Sua alma livre galopa

Partiu sem dizer nada  
Talvez tenha saído quietinho  
Pro bolicho do Tio Candinho  
Dar um gole na marvada  
Ou se bandeou com uma eguada  
Pra o lado do cruzador  
Cantando pro alambrador  
Suas coplas mais antigas  
Daquelas de socar formiga  
Num baile de corredor

Don Telmo foi sem alarde  
Deixando um buraco no peito  
Não se chora o que está feito  
Mas uma ferida nova arde  
Ao saber que no fim da tarde  
Do dia dezoito de fevereiro

Aquele velho aguateiro  
Meio que num faz de conta  
Pealado, trocou de ponta  
Num retorno ao Deus Campeiro

Deixou ao pago um legado  
Foi legenda e referência  
Patrono de uma querência  
Nos versos iluminados  
Seu cantar já consagrado  
Embalou muitos galpões  
Nas noites pelos fogões  
Vinha sempre de aporfia  
Uns cantos de picardia  
Pra reacender os tições

Vento Norte, Prece ao Minuano  
Numa bailanta, bem prosa  
Dançou com a Morena Rosa  
Serenata, Truco de Mano  
Eita senhor bom paysano  
Deixou tanto ensinamento  
Semeou pelos quatro ventos  
A voz machaça do telurismo  
Destes vida ao nativismo  
Sem nunca frouxar um tento

Deus te receba a preceito  
Com mate, canha e um assado

Um vento norte abusado  
Te desabe chapéu e melena  
Pra que os anjos em cantilena  
Entoando de forma perfeita  
Tuas canções já feitas  
Abençoando a tua chegada  
Descanses na terra sagrada  
Don Telmo de Lima Freitas

## **A LUZ DE UM NOVO MUNDO**

Num minuto o mundo parou  
E a gente ainda achou  
que ele não devia parar  
Um vírus minúsculo  
sem corpo e sem músculo  
veio nos desafiar

Afetou as pessoas  
as más e as boas  
nos obrigou a parar  
nos ensinou outro olhar  
Aprendermos que o lar  
é o melhor lugar  
para nos proteger  
dá também pra aprender  
pra buscar o saber  
basta não se entregar

Esse mal, esse amargor  
deu pra vida valor  
Revitalizando o amor  
a convivência em família,  
mas agora chegou a hora  
que o mundo la fora  
conhecerá a união  
e só pela educação  
mudaremos o futuro

Se a pandemia é um muro  
nós somos a poesia  
e com nossa alegria  
reverenciamos os valores  
dos nossos professores  
que vão nos conduzir  
na trilha do progredir  
nas alegrias e nas dores

De mãos dadas mais fortes  
não dependemos de sorte  
façamos a diferença  
não importa tua crença  
tua classe ou tua cor

Vale a força do amor  
do querer, da união  
somos um só coração  
famílias e professores  
alunos e coordenadores  
usando a tecnologia  
para trazer a alegria  
na luz da educação

Com o olhar da escola  
dentro da nossa casa  
a poesia dá asas

pra aprendermos a viver  
a nova forma de ver  
que juntos na mesma trilha  
somos uma só família  
trabalhando para fazer  
um mundo novo nascer

## UMA RISADA NO CÉU

(Homenagem a Mário Peres)

No acampamento vazio,  
uma cambona chorando.  
Uma bandeira hasteada  
tremula ao vento soprando  
e um banco velho solito,  
chora e ri em contraponto,  
pintando um quadro tristonho,  
sentindo falta de um conto.

Daqueles de dar risada,  
dar grito e fazer tendeu.  
A poeira na cancha seca,  
agora sem povaréu  
fica quieta no momento  
e o silêncio da guarida.  
É um amigo que se vai  
deste rodeio da vida.

Quem sabe o seu Esmelindro,  
lhe alcance um mate a preceito,  
ou talvez no parapeito,  
lhe espere o Negro Laurindo,  
com pingo pelo cabresto  
no céu dos homens campeiros.  
Tio Anastácio faceiro  
abre a cancela da frente

e faz gesto para que entre,  
mais um índio deste chão,  
que nunca froxou o garrão,  
nem mesmo no sol mais quente.

Ele não era personagem,  
nem mesmo fruto de lenda,  
mas sim um peão de fazenda,  
da lida bruta do campo.  
Desses homens do cavalo  
que são bem mais que um herói.  
Que nossa história constrói  
de atos e de bravura  
brincando com a gurizada  
em carreira por rapadura.

Fica o vazio da risada,  
do falar alto e prudente.  
Das histórias verdadeiras  
que muda o tino da gente  
mandando embora a tristeza,  
no mais nublado momento  
trazendo todos pra perto,  
silenciando até o vento.

Falando de gauchadas,  
caçadas e pescarias  
gado alçado e alambrado,

poda de árvore e sangria  
mate grande e madrugada  
contagiando de alegria.

Ensinamentos que ficam  
junto ao tempo que se vai.  
Um amigo, um baita pai,  
um conselheiro de certo  
os netos sempre por perto  
e com eles os amigos,  
que foram sempre acolhidos  
nos mais sinceros dos gestos.

E assim se vai nosso peão,  
de alma livre e esperta.  
Fica uma equipe falhada  
e uma dupla incompleta,  
um boi vai livre na cancha  
correndo de aspa aberta  
mas cruza serrado na raia  
com esta saudade que aperta.

Vai em paz que aqui ficamos,  
conte ganhas e perdidas  
na Luz que já deve estar,  
causos bons não vão faltar  
pra entreter a paysanada,  
e agora tudo é risada  
nesta morada do além

quando chega Mário Peres  
pra brincar e fazer o bem.

## **POR ESSAS RAZÕES**

Acordo

Ergo da força herdada  
Pra que cada dia  
Se renove a caminhada  
Sem desanimar por nada  
Esparramando alegria

Eu olho

Na visão que me foi dada  
Dom divino de mirar  
Deslumbrar distâncias  
Verdejar estâncias  
Sem me dispersar

E caio

Caio por que esqueço as pedras  
Sinto forte o chão  
Ralo as mãos na caída  
Ambas ardem em feridas  
Mas nunca caio em vão

Levanto

Espalmo a poeira fora  
Não reclamo ou lamento  
Sei que é tudo aprendido  
Só um homem calejado  
Ganha ensinamento

Eu sigo

Não só pelo ato autômato  
Não só para seguir  
Mas pra espalhar no mundo  
O que de mais profundo  
Vai te fazer sorrir

E ando  
Não pelas passadas largas  
Nem por ter um caminho  
Mas pelo anseio enorme  
De ser diferente  
E não te deixar sozinho

E vivo...

## ARREMATE

O apreço por dois fazedores de cultura pela arte da prosa e do verso.

Nada mais digno do que relatar e pautar o que se vive. E não seria diferente a esses dois tauras: Fábio Malcorra e Mario Terres. Percorrendo as estradas na descoberta do dizer, ambos trazem em suas trajetórias nada mais do que a vivência do saber mais genuíno de suas pegadas, na pena de suas canetas que demarcam o que há de melhor no coração e por consequência, guardados em suas memórias. Este livro é o pertencimento de tudo o que vocês pautaram na vida: a poesia. Regionalizando nada mais que a origem sem fronteiras ou buçal. Não há exagero maior que a gratidão e a amizade é a consequência de tudo o que se possa ter colhido ao longo de muitas prosas, seja ela no mate, no campo ou na verdade de um olhar que acarreta ou remete ao coração. Malcorra traz o campo e Terres a imensidão das águas do Guaíba, onde esta simbiose se completa na infinita bondade de escrever e prosear através da literatura, onde os relatos através da poética são sublimes. São dois corações latentes, vigorosos, irmãos e amigos. É a poesia que pede passagem para fazer o bem, sempre o bem a quem nos toca

ouvir e ler a simplicidade revestida de esperança, amor e renovável vigor. Adelante irmãos à trajetória de amizade, prosa e verso chancela por natural a base fundamental deste livro que chega como um filho do ventre, ou distante de tanto andejar os caminhos de amor e paz. Agora resta embalar e entregar ao mundo, porque assim é a vida. O universo conspira a chegada deste ato de bondade de vocês e nós esperamos com ânsias de coisas boas para uma ótima leitura. Que botada. Sejam bem-vindos!!

**Liliana Cardoso Duarte.**  
**Declamadora, ativista cultural.**

Patrocínio:   Realização:   

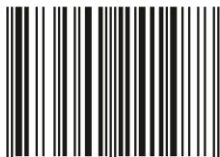
## **ARREMATE**

**MALCORRA TRAZ O CAMPO E TERRES  
A IMENSIDÃO DAS ÁGUAS DO GUAÍBA, ONDE  
ESTA SIMBIOSE SE COMPLETA NA INFINITA  
BONDADE DE ESCREVER E PROSEAR ATRAVÉS  
DA LITERATURA, ONDE OS RELATOS ATRAVÉS  
DA POÉTICA SÃO SUBLIMES. SÃO DOIS CORAÇÕES  
LATENTES, VIGOROSOS, IRMÃOS E AMIGOS.  
É A POESIA QUE PEDE PASSAGEM PARA FAZER  
O BEM, SEMPRE O BEM A QUEM NOS TOCA  
OUVIR E LER A SIMPLICIDADE REVESTIDA  
DE ESPERANÇA, AMOR E RENOVÁVEL VIGOR.  
ADELANTE IRMÃOS À TRAJETÓRIA DE AMIZADE,  
PROSA E VERSO CHANCELA POR NATURAL  
A BASE FUNDAMENTAL DESTE LIVRO QUE CHEGA  
COMO UM FILHO DO VENTRE, OU DISTANTE DE  
TANTO ANDEJAR OS CAMINHOS DE AMOR E PAZ.  
AGORA RESTA EMBALAR E ENTREGAR AO MUNDO,  
PORQUE ASSIM É A VIDA. O UNIVERSO CONSPIRA  
A CHEGADA DESTE ATO DE BONDADE DE VOCÊS  
E NÓS ESPERAMOS COM ÂNSIAS DE COISAS BOAS  
PARA UMA ÓTIMA LEITURA. QUE BOTADA.  
SEJAM BEM-VINDOS!**

**LILIANA CARDOSO DUARTE.  
DECLAMADORA, ATIVISTA CULTURAL.**

ISBN: 978-65-00-24148-8

**CDL**



9 786500 241488